NOVELLAE OLIVARUM

ANO XIV NÚMERO 135 OUTUBRO 1956

DIMENSÕES DO AMOR — Alberto Neto 129

O INTERESSE PASTORAL DA SOCIOLOGIA RELIGIOSA — Padre Manuel Franco Falcão 132

5.ª CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DE SOCIOLOGIA RELIGIOSA 140

«NINGUÉM JAMAIS A DETURPE» — N. S. 143

DUAS TENTATIVAS DE APOSTOLADO OPERÁRIO — P. Jean Marie 147

CRÓNICA — Noronha Galvão 159

Número Especial

Temos ainda na nossa redacção
alguns exemplares do número Especial
que se vendem ao preço de **10$00.**



NOVELLAE OLIVARUM

Director: *Alberto Neto Simões Dias*

Redactores: *José Poças Ribeiro*
Cláudio Renato Marques Teixeira

Administradores: *Albino Mamede Cleto*
Avelino Manuel Barata Pinto

Proprietário e Editor: *Ireneu Marques Clemente*

REVISTA DOS ALUNOS DO SEMINÁRIO DE CRISTO-REI — OLIVAIS

COM A APROVAÇÃO DA AUTORIDADE ECLESIÁSTICA

Composição e impressão na Casa Nun'Alvares — Gouveia — Telef. 109

O Novo Testamento

Tradução do texto grego ✣ introduções e notas

pelo

Cónego José Falcão

(do Seminário dos Olivais)

I

Evangelhos e Actos dos Apóstolos

Obra há muito desejada para enriquecimento dos estudos bíblicos em Portugal

Cuidada versão já pela fiel subordinação ao Texto original, já pelo esmerado respeito à vernaculidade da língua portuguesa

DEPOSITÁRIA:

CASA NUN'ALVARES

GOUVEIA

DEFENDA A SUA VISTA

USANDO LENTES E ARMAÇÕES DE 1.ª QUALIDADE

Casa especializada na execução de receitas médicas



Óculos, Estojos
Lupas, Binóculos
Termómetros
Barómetros, etc.

Optical, L.da

Rua Eugénio dos Santos, 30-2.º LISBOA—Telefone 367762

Concedemos os maiores descontos

FUNDADA EM 1756

"Cenáculo"

VINHO PARA MISSA

Com a aprovação de S. Ex.ª o Snr. Bispo do Porto

REAL COMPANHIA VELHA

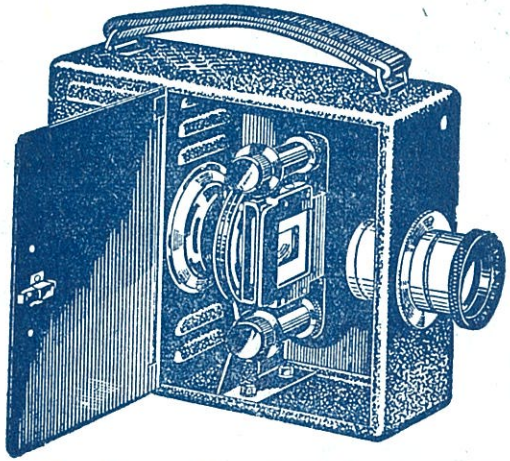
PORTO

Rua das Flores, 69

LISBOA

Praça dos Restauradores, 14

Ex.mos Párocos / Catequistas / Educadores



PARA O ENSINO ADOPTAI

CAMERAFIX

O projector que se impôs pela sua

LUMINOSIDADE
SIMPLICIDADE
ECONOMIA

Funciona directamente em 220, 110 e 6 volts.

Filmes fixos portugueses

RELIGIOSOS	RECREATIVOS
Santa Maria Goretti	O trinco da porta
As obras de misericórdia	Pedrinho, cabeça no ar
Os 3 videntes de Fátima	A historia da Carochinha
Santo António de Lisboa	O lobo e a cabaça
São João de Deus	Cavalo fidalgo e burro invej.
O filho pródigo (parábola)	João pastor e o cão leal
O bom Samaritano (parábola)	A cigarra e a formiga
Os Sacramentos (colorido)	A garça e a raposa
	O leão e o mosquito

ALPHA ET OMEGA

Rua Eugénio dos Santos, 76-2.º LISBOA



Se não vê...

Se não vê bem será bom consultar um especialista. Depois... depois venha à nossa casa onde encontrará as melhores lentes e armações.

A L T A
qualidade
a baixos
P R E Ç O S

HORÓPTICA, LDA

OCULISTA

Rua de Santa Justa, 27 — LISBOA

RUA INFANTE D. HENRIQUE
PORTO

ROSSIO, 93 2.º
LISBOA

FERREIRINHA

VINHO PARA MISSAS

Preparado conforme norma canónica e com a aprovação de Sua E.xª Rev.ma o Sr. Bispo do Porto

DIMENSÕES DO AMOR

Quem quiser reflectir um pouco, terá de verificar que, apesar de todos os esforços pastorais realizados nos últimos decénios, o mundo anda arredio dos caminhos do espírito.

Embora se não possa negar aos cristãos de hoje uma consciência maior das suas responsabilidades de filhos da Igreja, temos, no entanto, de concluir que é extraordinário o esforço dispendido à vista dos exíguos resultados obtidos.

O mundo moderno tem evoluido de tal modo e em tal proporção que não admira que muitos de fé menos profunda, sintam descrença diante do papel a desempenhar pela Igreja no nosso mundo. Vemos ter sido esta atitude de espírito que levou homens bem intencionados a tentar uma exagerada adaptação dos processos pastorais às exigências da vida actual.

Sabemos que muito do movimento de descristianização dos nossos dias tem por origem o que chamarei uma ultrapassagem. O progresso crescente tem sido a constante do nosso tempo nas artes, nas ideias e de modo especial no universo da técnica. O homem foi descobrindo, aos poucos, os segredos da natureza e da matéria bruta. Com estas novas descobertas a razão humana não fica parada. Novas doutrinas surgiram e com elas novos modos de encarar os problemas da vida. Tudo isto fez com que o homem se descobrisse e tomasse consciência do seu valor. Daqui foi surgindo, cada dia mais consciente, o problema da classe trabalhadora até então dominada por um capitalismo pouco cristão.

Este movimento trouxe à humanidade contemporânea uma mentalidade nova, com novos problemas e novas exigências.

Sejamos coerentes connosco mesmos. Cada época tem as suas tendências e necessidades. Desconhecer isto é fechar os olhos aos exemplos da História. Ela é, ainda, a grande mestra que nos ensina como a Igreja tem ido ao longo dos séculos dando o seu contributo às artes e às ciências num esforço constante de adaptação.

Porque havemos nós de tentar incompatibilizar os novos problemas que o progresso levantou com a nossa maneira mesquinha e particularista de encarar o Cristianismo? Porque não tentamos banhar cada uma das novas descobertas na luz clarividente da doutrina cristã, certos de que tudo o que é humano diz respeito à Igreja e para tudo Ela tem uma resposta? Porque não teremos a humildade suficiente de parecer inteligentes? Porque hão-de os filhos das trevas continuarem a ser mais prudentes do que os filhos da Luz?

Problemas que se levantam. Interrogações que se fazem e a que só nós podemos responder.

*
* *

O Padre é a luz do mundo. O Padre é o sal da terra. É do Evangelho; donde a certeza de estar actualizado. E porque luz do mundo e sal da terra, o Padre terá de dar uma resposta clara a todos os problemas do seu tempo. Daí, a necessidade de nos debruçarmos sobre o mundo, ajudando-o pelo nosso conhecimento e amor a resolver os seus dramas. Mas neste desejo profundo de trabalhar por um mundo melhor nem sempre tomamos consciência de que agimos, em muitos casos, por motivos meramente humanos. Isto tem a sua razão de ser numa falsa concepção de caridade explicável dentro do ambiente em que vivemos mas de perigosas consequências. Se é um facto que o amor dos homens entre si é o termómetro do amor dos homens para com Deus, não é menos certo que o mandamento do amor do próximo não exclui, antes pressupõe, o amor de Deus. Ora este aspecto principal da caridade está cada dia mais esquecido. O desequilíbrio é evidente e consiste, no dizer do Padre Daniélou, numa falsa perspectiva que situa o centro de interesse do Cristianismo na colectividade humana deixando na sombra a relação do homem com Deus. Não que negue o valor do segundo aspecto, porque nunca será demasiado enaltecido o amor do próximo. O erro está numa deformação da mensagem cristã. É esta que faz reconhecer ao homem a sua condição de criatura e o vai arrancando a si mesmo para «o abrir à vida do amor». Só na medida em que o homem vai conhecendo Deus através duma vida de íntima união com ele é que pode compreender o verdadeiro significado do «amai-vos uns aos outros». É que amar segundo o Evangelho é ir muito além daquilo a que o homem chegaria por si mesmo. Se a Fé nos não dissesse que o Evangelho é Cristo, apetecer-nos-ia duvidar de muitas verdades como estas: «*ama os teus inimigos*», «*reza pelos que te perseguem*», «*se te derem uma bofetada numa face, oferece a outra*».

Isto basta para mostrar que todo o verdadeiro amor do próximo, segundo Cristo se baseia no amor de Deus, porque todo o mundo, que está fora de Deus, está morto na expressão vigorosa de São Paulo. Todavia, nós desconhecemos, ou melhor, agimos como se desconhecessemos tudo isto. Senão, vejamos descendo um pouco à prática. O problema da miséria é um dos cancros do nosso tempo. Por todos os lados cruzamos com os seus vestígios. As barracas que nos rodeiam dizem-nos alto o que vai pelo mundo. Sem querer, sentimo-nos levados por um sentimento de compaixão. Analisemos a nossa compaixão. Que a motivou? Fomos, de facto, impelidos por um sentimento verdadeiramente cristão? A nossa compaixão é fruto da nossa caridade? A estas interrogações cada um poderá dar a sua resposta. Todavia, parece-me que nasceu apenas, na maior parte das vezes, da tomada de consicência do carácter social da existência humana, sem subir mais alto. Não se reage a este estado de coisas por uma necessidade espiritual de vermos a justiça de Deus violada, mas por um sentimento de revolta muito humano mas pouco cristão. E se assim não acontece, somos levados, as mais das vezes, pela compaixão da miséria corporal sem referência à miséria moral e consequências religiosas. Não afirmo que esta necessidade de fazer justiça humana seja um erro. Apenas repito que pode levar a uma visão pouco cristã do problema. O cristão não tem direito de olhar para os acontecimentos do mundo descentrando-os da sua verdadeira órbita que é o próprio Deus. A nossa caridade só será perfeita na medida em que derivar

do amor de Deus e nos fizer ver os outros banhados pela mesma luz em que Deus os vê. Só então podemos colaborar com Ele porque os vemos todos «naquilo que lhes dá a sua plenitude, a sua vocação eterna». Cortada esta ligação com Deus, a nossa pretensa caridade não passará do nível duma solidariedade humana. Não teremos dela uma visão mais ampla que a de Jung ao afirmar que a Redenção foi a reparação de uma injustiça divina feita ao homem. Cairemos dentro de nós mesmos, dos nossos egoísmos, das nossas visões parcelares. Porque humana, esta solidariedade escapará dificilmente a certas estreitezas. Tornar-se-á exclusiva. Não nos deixará olhar para os problemas adentro de um plano providencial. Seremos determinados por valores humanos. «Pregar-se-á a conversão do mundo, o amor da terra. Olhar-se-á para o Cristianismo naquilo que ele pode ter de enriquecimento humano. Apenas se procurará Deus nos outros. Só as manifestações comuns de religião terão razão de ser. Numa palavra — todo o valor teocêntrico do Cristianismo perderá a sua eficácia. Mas nós sabemos os perigos a que tal concepção pode levar. Não que neguemos o valor da renovação comunitária do nosso mundo. O que afirmamos é que esta só terá razão suficiente de existir na medida em que deixar de ser exclusiva». É um facto que «a Igreja, sendo o lugar onde se realiza a mais perfeita comunhão de almas, é ao mesmo tempo o lugar das grandes solidões». Só nestas o homem se mede com Deus. Só no contacto com o divino ele vai sobrenaturalizando os seus critérios de modo a poder olhar para os males do mundo debaixo de uma luz menos humana mas mais verdadeira porque mais integrada no pensamento de Deus.

Só a busca do divino nos ensinará a olhar a injustiça dentro de um prisma sobrenatural. Então, começaremos por ver os erros a que o mundo se expõe contando em demasia com os próprios recursos. Saberemos compreender que o Cristianismo, ao mesmo tempo que é uma vida de caridade, é uma adesão aos dogmas, à participação dos sacramentos, às exigências duma fé cada dia mais viva. Só na medida em que fugirmos de nós para nos lançarmos em Deus, sentiremos as escamas cairem-nos dos olhos. Então, compreenderemos a estreiteza da nossa visão, a mesquinhez dos nossos critérios. O mundo com todos os seus dramas surgir-nos-á debaixo duma nova luz. Tudo o que é humano continuará a interessar-nos não já porque humano mas porque tendo alguma referência com o divino. Será nesse momento que estaremos em condições de responder a todos os problemas do nosso tempo porque possuídos dum Cristianismo mais autêntico. Será nesse momento que começaremos a possuir a caridade de Cristo que tudo abraça. Não haverá perigo de nos determos apenas na miséria temporal, mas iremos mais fundo até ao abraço da miséria moral que Cristo veio destruir. Nesse momento, o amor do próximo começará a ser a virtude teologal do amor. E o amor não pode ficar inoperante, como o grão de trigo que morre não pode deixar de dar fruto. O que aqui chegar estará apto a fazer a verdadeira revolução.

ALBERTO NETO

O INTERESSE PASTORAL DA SOCIOLOGIA RELIGIOSA

Ainda é cedo para dar de Sociologia religiosa uma definição universalmente aceita. Desde «ciência racional e dedutiva que do conhecimento da natureza humana procura explicar o comportamento religioso das sociedades» até às «técnicas de conhecimento do dado religioso», há uma gama completa de conceitos baptizados com o nome mais ou menos adequado de sociologia religiosa. O que é certo é que ela está na moda e o interesse por ela tem crescido ràpidamente nestes últimos vinte anos, muito particularmente nos meios eclesiásticos católicos.

Nestes meios encerra-se a sociologia religiosa, não como ciência fundamentalmente teórica, mas como ciência de observação e análise dos fenómenos religiosos colectivos em ordem a uma acção pastoral mais esclarecida e adaptada às novas necessidades dos tempos. Neste sentido se pode falar na «mais nova das ciências eclesiásticas» colocando-a ao lado de outras irmãs mais velhas, auxiliares de Teologia pastoral, como são a psicologia e a medicina pastoral.

Embora auxiliar da Pastoral, a sociologia religiosa não se confunde com ela, podendo falar-se, justamente, na sua «neutralidade» religiosa. Não existe para justificar ou impor métodos ou atitudes pastorais, mas sòmente para investigar fenómenos com rigor científico e tirar conclusões simplesmente verdadeiras. Mesmo que a intenção confessada dos seus cultores seja fornecer dados à Pastoral, isso não dá valor católico ou religioso às conclusões a que chega. Estas são simplesmente científicas, quer a Pastoral se utilize ou não delas. Enquanto a pastoral diz respeito à autoridade eclesiástica, a sociologia religiosa não sai dos domínios da ciência. Daqui uma série de limitações que importa ter em conta até para evitar intromissões que só a desprestigiariam.

O INTERESSE RECENTE PELA SOCIOLOGIA RELIGIOSA

É sem dúvida a França que vai na vanguarda dos estudos de sociologia religiosa. Porquê França? — podemos perguntar.

O Padre R. Mols, S. J., em erudito e interessante artigo, atribue os rápidos progressos desta nova ciência ao esforço missionário em terras de infiéis e à tomada de consciência da descristianização dos povos tradicionalmente católicos da Europa. O grande desenvolvimento das missões nestes últimos 50 anos suscitou a recolha de dados estatísticos indispensáveis à boa organização da actividade apostólica, ao simples conhecimento dos progressos realizados e até a uma eficaz propaganda missionária. «No entanto — escreve o P. Mols — estas consoladoras estatísticas não podiam fazer esquecer o grito de alarme que se elevava noutras partes da frente cristã. O problema social da descristianização das massas, que de algumas gerações a esta parte se começava a perceber, acabou por se pôr com toda a acuidade. E aqui e ali se

chegou à conclusão de que só o recurso à observação e à mensuração científicas permitia fazer dessa descristianização um diagnóstico seguro e, consequentemente, esquiçar um programa eficaz, primeiro de defesa, e depois de reconquista... Este facto explica que seja a França — o país do Ocidente cuja contribuição missionária foi mais elevada, e ao mesmo tempo aquele em que a «descristianização» contemporânea parece ter sido a mais precoce e espectacular — que se encontre actualmente na vanguarda das investigações estatísticas e de sociologia religiosa.» (1)

Particularmente, ao grito de alarme do Padre Godin na *«France, pays de mission?»* se deve um impulso enorme nestes estudos na intenção expressa de fundamentar uma reacção pastoral esclarecida em face duma situação verdadeiramente inquietante.

O esforço dos católicos franceses tem sido seguido atentamente por Roma e mereceu, já mais duma vez, o elogio do Santo Padre. Em 1953, num discurso a peregrinos franceses, Pio XII afirmou: «Nota-se da parte dos católicos da França, particularmente na Acção Católica, um esforço de lucidez que chama, com justa razão, a atenção do mundo inteiro. Os progressos da sociologia são frutuosamente utilizados nos domínios em que os seus dados têm cabimento; procura-se ver claramente para agir eficazmente. Isto está de acordo com as tradições do vosso país e produzirá, esperamo-lo bem, os mais benéficos frutos. Lá se encontram corajosas iniciativas, temperadas pela prudência da hierarquia que se esforça por adaptar o ensino catequístico e toda a pastoral às actuais condições das cidades e dos campos. E, sobretudo, temos a louvar a preocupação de formação séria que acompanha essas investigações...» (2)

A intervenção da hierarquia francesa a que o Papa faz referência tem-se verificado várias vezes quer pelo apoio explícito dado às iniciativas privadas, quer pela fundação de instituições diocesanas ou nacionais, quer ainda por orientações precisas como as do *«Directoire pastoral en matiére sociale»*.

Os outros países da Europa ocidental seguiram na esteira da França e basta uma vista de olhos pelas listas bibliográficas de estudos de sociologia religiosa para verificarmos o seu esforço por não ficarem para trás. (3)

Também nestes países não tem faltado a intervenção decisiva da hierarquia apoiando, orientando e tomando a iniciativa de estudos de sociologia religiosa. São

---

(1) R. Mols, S. J. — «Croissance et limites de la sociologie religieuse», in Nouvelle Revue Théologique, Fev. 1955, pág. 155.

(2) Discurso de 16 de Janeiro de 1953 aos peregrinos franceses em Roma por ocasião da entrada no Sacro Colégio dos Cardeais Feltin e Grente.

(3) Particularmente a Bélgica, Holanda, Alemanha, Itália e Espanha. Na América, seguem na vanguarda os E. U. Entre as listas bibliográficas mais completas e actuais citamos: a bibliografia em apêndice ao artigo de Raimundo O. Andrade. «Sociologia religiosa e apostolado» transcrito na *Lumen* de Fev. de 1956, pág. 132-136; a bibliografia crítica no final dos *«Premiers itiné raires en sociologie religieuse»* do Con. F. Boulard (1954), pág. 147-152; a lista de instituições, anuários, revistas e bibliografia espanhola e estrangeira com que abre a *«Introduccion a la sociologia religiosa»* do Dr. Jesús Iribarren (1955), pág. 13-17; as actas da *IV Conferência Internacional de Sociologia Religiosa* publicada pelas Editions Ouvrières (1955), principalmente na I parte: «état présent de la sociologie Réligieuse»; merece ainda referência a abundante bibliografia das notas do artigo citado de R. Mols.

dignos de particular menção os nomes do Cardeal Lercaro na Itália (4) e de D. Casimiro Murcillo González, na vizinha Espanha, com os seus interessantes inquéritos levados a cabo na sua diocese de Bilbau.

Entre nós o interesse pela sociologia religiosa começa a despertar. Têm contribuído sem dúvida para isso as notas de «Sociologia Religiosa e Pastoral» que Parochus X tem publicado regularmente nas «Novidades». Alguns inquéritos levados a cabo pela A. C. dariam matéria para interessantes estudos. A Hierarquia não se mantém indiferente. Provam-no a sondagem à assistência dominical, ordenada por S. Em.ª o Senhor Cardeal Patriarca de Lisboa, o inquérito a vários aspectos da prática religiosa na diocese de Portalegre, por ordem de S. Ex.ª Rev.ma o Senhor D. Agostinho de Moura, que já anunciou a criação dum Secretariado Sociológico, e a instituição, em Aveiro, dum Centro de Acção Pastoral para recolha de dados úteis a uma pastoral mais adaptada às necessidades modernas. É possível ainda que outras iniciativas, estudos ou instituições que, neste momento desconhecemos, se devam ajuntar às apontadas.

À data em que este artigo sair a lume já Portugal se estreou nas assembleias internacionais, consagradas a esta matéria, com a participação de alguns Sacerdotes na V Conferência Internacional de Sociologia Religiosa, reunida este ano em Lovaina. Dos seus trabalhos damos notícia separada.

FUNDAMENTOS DO RECURSO À SOCIOLOGIA RELIGIOSA

A sociologia religiosa vem dar o valor de ciência ao conhecimento mais ou menos empírico e aproximado dos fenómenos religiosos, das influências geográficas, históricas e sociais, e das instituições eclesiásticas, que estão na base de toda a acção pastoral.

É evidente que um dos primeiros deveres dos pastores de almas é conhecer as ovelhas que lhes foram confiadas. Já na sabedoria antiga consignada no livro inspirado dos Provérbios (XXVII,23) se sentenciava: «Conhece diligentemente o estado das tuas ovelhas e vela sobre o teu rebanho». O Bom Pastor, retratando-se na célebre alegoria, deixou dito: «Eu sou o Bom Pastor. Conheço as minhas ovelhas e as minhas ovelhas conhecem-me a mim, como o Pai me conhece e como eu conheço o Pai» (Jo. X, 14-15).

---

(4) Ficou célebre o discurso que S. Eminência pronunciou no Congresso de Sociologia de Milão em Abril de 1954 de que citamos algumas passagens: «Com grande satisfação e com um sentimento profundo de reconhecimento para quantos me forneceram meios para isso, instituí na minha diocese de Bolonha um Secretariado Diocesano de Estatística religiosa a dele espero um auxílio precioso para a minha acção pastoral e para a do meu clero. E seria grande alegria em ver este trabalho estender-se a todas as dioceses de forma a poder traçar-se, num futuro não muito longínquo, uma carta religiosa da Itália, e desta forma o juízo sobre os fenómenos religiosos locais seria iluminado e completado pela possibilidade de se observar um horizonte mais vasto» (Cit. das Actas da IV Conf. Int. de Soc. Rel.).

É de prudência elementar não empreender acção nenhuma sem conhecimento da situação a enfrentar e das forças disponíveis. O Cardeal Lercaro, no discurso já citado, acomoda neste sentido uma passagem evangélica: «Abro S. Lucas no capítulo XV, versículo 27 e leio :«Quem dentre vós, querendo construir uma torre, não se senta primeiro a calcular a despesa e a ver se tem com que acabá-la? Não suceda que, depois de assentar os alicerces e não podendo completá-la... Ou qual é o rei que parte ao encontro doutro rei para travar combate e não se senta primeiro a deliberar se é capaz de se opor com 10.000 soldados àquele que vem sobre ele com 20.000?» «O desenvolvimento do reino de Deus,— comenta S. Em.ª com a graça característica — e portanto da nossa acção pastoral — é Jesus quem o diz no Evangelho — pede que seja precedido dum exame da situação, e para este exame devemos assentar-nos. E para nos assentarmos precisamos primeiro de ter uma cadeira. E como o exame da situação implica um cálculo, é preciso um quadro para fazer còmodamente esse cálculo. E como se trata de números, convirá dispor de uma máquina de calcular. É certo que os primeiros leitores do Evangelho não pensaram em tudo isto; mas o Evangelho não foi escrito apenas para os seus primeiros leitores, mas para todos os homens de todos os tempos, e nós podemos ler nele tudo isto. Temos assim uma cadeira, um quadro, uma máquina de calcular... uma secretaria: um secretariado de estatística onde se acumulam os números que traduzem a realidade e onde esses números se interpretam e se ordenam inteligentemente em diagramas, esquemas, gráficos, etc...»

A força sobrenatural dos carismas e a irradiação da caridade dos apóstolos e dos santos não dispensa o esforço inteligente dos missionários do Evangelho. O exemplo de S. Paulo, o apóstolo das gentes, é bem elucidativo. Poucos terão sido os pregadores da Boa Nova que tenham desenvolvido uma actividade tão inteligente como ele. A escolha de Antioquia, Corinto, Éfeso e Roma para centros de irradiação do Evangelho mostra um conhecimento penetrante, não só no mundo antigo, mas ainda das leis que a sociologia moderna veio formular. S. Paulo teve a intuição de que é dos grandes centros urbanos que irradiam, ao longo das grandes vias de comunicação, as ideias que fazem e desfazem as civilizações.

As verdades simples, que a simples intuição alcança, nem sempre, porém, levam às últimas consequências. Nenhum pastor de almas, por pouco dotado que seja, ignora que deve conhecer bem aquela parcela do rebanho de Cristo que lhe foi confiada. Mas não serão muitos os que aprofundam esse conhecimento e o estudam em todos os aspectos que possam interessar à salvação das almas e à extensão do Reino de Deus. Não basta um conhecimento dos indivíduos; importa averiguar os condicionalismos geográficos, o peso da história, as pressões económicas e sociais, as influências de pessoas e instituições, as reacções colectivas, a eficácia dos meios de acção, numa palavra, importa o exame profundo, estático e dinâmico, da vida toda. Alguém se lastimava: «Párocos com longa experiência pastoral há bastantes; párocos que saibam reflectir sobre os dados dessa experiência, são muito poucos».

Nos primeiros séculos, o fervor da caridade e a abundância dos carismas foram suficientes para impor a Fé ao mundo antigo e implantar a Igreja na Europa. Na Idade Média, as estruturas sociais profundamente cristãs, numa civilização tècnicamente rudimentar, tornavam pouco necessária ou impossível uma pastoral «científica».

Mas, quando se deu a primeira rotura na caridade espiritual da Europa cristã,

num momento em que o progresso humano iniciava a sua marcha acelerada, já a autoridade eclesiástica se preocupou com um conhecimento mais objectivo e preciso da vida religiosa e moral das populações. É assim que o Concílio de Trento introduz no Direito da Igreja as primeiras prescrições de ordem sociológica. Na sessão XXIV (11 de Novembro de 1563) impõe-se a obrigação aos párocos de fazer os registos dos baptismos e casamentos.

S. Carlos Borromeu, o grande bispo da época tridentina, foi mais longe, e nos concílios provinciais de Milão a que presidiu, obrigou o seu clero a uma série de outros registos paroquiais e listas estatísticas entre os quais se destaca o «Liber-status animarum». Pouco depois, em 1614, o Rituale Romanum vem normalizar os livros paroquiais de registo e estender à Igreja latina a obrigação de os ter em dia.

Tais livros, bem como os relatos das visitas diocesanas e das visitas «ad limina», permitiam dar às autoridades eclesiásticas um conhecimento objectivo da situação da Igreja, numa época em que mesmo os mais elementares dados de estatística demográfica ainda não interessavam muito à autoridade civil.

Com a crise dos fins do século XVIII este movimento esmoreceu, precisamente numa época em que se operava uma profunda transformação ideológica e social no mundo ocidental. Deve-se em parte à falta duma observação objectiva dos acontecimentos a surpreza amarga que constituiu o aparecimento à margem da Igreja duma classe operária numerosa, influente e paganizada.

É R. Mols, no artigo citado (pág. 152), quem faz esta pertinente observação: «Esta falta foi profundamente lastimável, pois impediu a opinião católica de tomar consciência da revolução que se operava à sua visita: a formação no nosso Ocidente cristão de massas humanas descristianizadas... Muitas vezes se esquece que a Igreja *não perdeu* a classe operária, mas *foi esta que se formou fora da Igreja,* em razão de três grandes transformações que dominam toda a história social do século XIX (revolução demográfica, industrialização, concentração urbana) e também porque a Igreja não tomou efectivamente consciência desta tríplice transformação em curso».

E Mols conclue gravemente: «Uma preocupação maior em observar os factos sociais e a sua evolução teria então permitido adaptar melhor as estruturas e os métodos».

O que se passou com a classe operária passar-se-á com as populações rurais? O Cónego Boulard, com o seu «Problémes missionaires de la France rurale» e com a sua Carta religiosa da França rural deu-nos uma visão sombria do panorama religioso dos campos franceses. Entre nós, a sondagem à prática dominical no Patriarcado revela que não é nas cidades que se encontram as mais baixas percentagens de assistentes à missa, mas sim em vastas zonas rurais que se estendem certamente para leste e sul pelas dioceses do Alentejo e Algarve. As zonas preservadas ainda por isolamentos naturais não resistirão à invasão das influências malsãs da cidade e os sintomas de debilidade religiosa e moral já se notam mesmo nas terras mais cristãs de Portugal. Só uma sondagem séria à vida e à vitalidade cristãs em todo o País permitiria diagnosticar com segurança a situação, e temos o pressentimento de que os resultados provocariam surpresa, amarga e salutar a um tempo...

RASGAM-SE NOVOS HORIZONTES À PASTORAL

Basta uma leitura atenta duma boa introdução à sociologia religiosa (5), particularmente dos capítulos consagrados às conclusões a que já chegou esta jovem ciência, para que o pastor de almas veja dilatarem-se, de forma insuspeitada, os horizontes das suas perspectivas e preocupações pastorais. A consciência das suas responsabilidades tornar-se-á mais viva e uma sensação dolorosa mas salutar o ficará a dominar à vista da complexidade dos problemas, da inadequação dos métodos, da vastidão dos trabalhos, das exigências de colaboração, das necessidades de novos recursos, que a sociologia religiosa lhe veio revelar.

A mero título de exemplo aqui deixamos algumas dessas conclusões que nos limitamos a comentar brevemente (6).

1.º Da observação das influências geográficas e físicas no comportamento religioso e moral das populações se tira que «as ideias se transmitem pelas grandes vias de comunicação e estas passam pelas gargantas e vales e fazem alto nas cidades». Dos grandes centros urbanos onde se acolhem ou têm origem, as ideias, levadas pelos emigrantes, turistas, comerciantes, trabalhadores, pela imprensa, rádio, cinema, etc., irradiam até atingirem as mais remotas aldeias.

Um primeiro corolário se pode formular: as ideias das aldeias e da montanha, sejam boas ou sejam más, são um efeito *retardado* duma invasão ideológica anterior. Em geral não servirão para ponto de partida dum movimento de reconquista, embora se possa conseguir que se mantenham até que nova corrente do mesmo sentido venha revitalizá-las. A história conta-nos que os «*pagãos*», isto é os habitantes das aldeias ou «pagi» do interior do Império Romano foram o último reduto do «*paganismo*» vencido já nas cidades pelo cristianismo triunfante. Nos tempos modernos, perante a invasão dum novo paganismo que começou por contaminar as cidades, é nas aldeias serranas que encontramos os sinais mais arreigados (mais cristalizados) dum cristianismo tradicional.

Outro corolário, quando numa zona humana se começa a operar uma transformação social — processo de descristianização, por exemplo — a resistência isolada duma paróquia ou duma vigararia é inútil. Tal como nas pragas dos campos ou nas epidemias, só uma colaboração de todos, inteligentemente planificada e realizada, poderá a todos salvar. Uma pastoral de conjunto é assim uma das conclusões a tirar.

2.º «As ideias governam os actos: a fé é a fonte da prática e da moral religiosa». Desta lei podemos tirar o seguinte corolário: A descristianização não começa pela diminuição da prática religiosa. Esta diminuição é, pelo contrário, uma das consequências

---

(5) Entre as obras mais recentes aconselhamos em primeiro lugar a já citada «*Introducción a la sociologia religiosa*» do Dr. Jesús Iribarren, Madrid, 1955. Leitura muito proveitosa será também a dos «*Premiers itinéraires en sociologie religieuse*» do Con. Boulard, Ed. Ouvrières, Paris, 1954 e a «*sociologia religiosa e azione pastorale*» de Aldo Leoni, Roma.

(6) No cap. VII da obra de Iribarren, (Processo de descristianização social» formulam-se quatro leis com os respectivos corolários. Nessas páginas nos inspiramos ao escrever as linhas que se seguem.

e um dos sintomas do processo de descristianização, porventura já adiantado. Uma das verdadeiras causas é a falta de evangelização. A falta ou deficiência da pregação, mais do que qualquer outro factor, leva à perda da fé, e sem fé não há moral nem prática religiosa que se mantenham. Salta assim à vista a importância fundamental da pregação, quer ela se faça no púlpito, quer nos bancos da catequese, quer nas colunas dos jornais.

3.º «Toda a novidade é pagã». Todo o progresso humano precisa ser baptizado para se tornar manifestação de vida cristã.

Corolário: Os países tradicionalmente cristãos — e o mesmo se dirá das zonas ainda cristãs duma diocese ou país em evolução económico-social — estão mais sujeitos à acção «descristianizadora» do progresso moderno do que os países onde só recentemente chegou e triunfou o cristianismo. Nele as estruturas cristãs que sustentam o cristianismo das populações estão em vias de serem profundamente reformadas e mesmo substituídas por outras nascidas à margem do espírito do evangelho. As populações de cristianismo tradicional, socialmente «envelhecido», não sabem dar resposta cristã aos novos problemas que a civilização material lhes põe. Daí a «descristianização» rápida das zonas rurais abertas ao turismo, invadidas pela industrialização ou pela mecanização agrícola, e daí as crises de fé, rural e prática religiosa que se verificam no recruta, na criada de servir ou no emigrante dos campos quando entram no bulício da civilização urbana...

UMA PALAVRA AUTORIZADA

Ficamos por aqui. Com as breves considerações que acabamos de fazer nada mais pretendemos do que exemplificar algumas conclusões a que a sociologia religiosa já chegou. Nada dizemos dos métodos de investigação e da análise e interpretação dos fenómenos de que se ocupam e que constituem capítulos interessantes e ricos de ensinamentos práticos. Mas o que fica dito, pensamos que chegará como amostra do interesse real que esta jovem ciência tem para os pastores de almas.

Como remate não poderíamos escolher melhor do que a palavra autorizada do Santo Padre que ao assunto se tem referido já várias vezes de forma bem clara e expressiva (7):

«Quanto à vossa acção apostólica em ordem à renovação *colectiva*, — dizia Pio XII aos pregadores romanos da Quaresma de 1955 — volvemos por alguns instantes ao que insinuámos já na Nossa radiomensagem de 10 de Fevereiro de 1952. «Esforçai-vos, dizíamos então, por que sejam bem averiguadas as necessidades, bem claros

(7) Podemos apontar os seguintes discursos de Pio XII em que se faz referência explícita à matéria que nos ocupa: Discurso aos pregadores de Quaresma romana de 6 de Fevereiro de 1951; discurso aos membros do Instituto Nacional de Estatística Italiano de 16 de Maio de 1951; a radiomensagem de 10 de Fevereiro de 1952; o discurso já citado aos peregrinos franceses de 16 de Março de 1955 de que publicamos as passagens mais interessantes.

os objectivos, bem calculadas as forças disponíveis... e por que se faça de todos judicioso emprego».

«Na averiguação das necessidades, evitai a superficialidade. Esta gera o que se poderia chamar o critério aproximativo, cujos desastrosos efeitos se produzem em todos os campos, sem excluir o do apostolado. Para prevenir tais consequências, requer-se um trabalho de estatística feito com serenidade, com exigente realismo, com serena imparcialidade».

«E certo, por exemplo, que muitos em Roma cumprem o preceito de assistir à Missa nos dias de preceito... e que as igrejas estão realmente e repetidamente cheias... Mas antes de ficar completamente tranquilo (o pároco) deveria calcular com suficiente precisão o número dos que estariam obrigados a vir e não vêm. Efectivamente, consta-Nos que não poucas vezes um cálculo meticuloso reserva surpresas desagradáveis ao sacerdote solícito da sorte das almas».

«Não pode negar-se também que em Roma as lições de catequese são frequentadas de modo consolador... Mas... quantas crianças deveriam vir e não vêm? Há tempos quisemos examinar pessoalmente o estado da catequese paroquial em Roma, e temos ainda diante dos olhos os números que Nos foram apresentados. Há certamente neste campo realidades belas e florescentes, mas outras não podem deixar de entristecer qualquer coração apostólico...»

«Outra pergunta, amados filhos. Como vai a instrução religiosa dos adultos?... Ainda mais: quantos na paróquia cumprem o preceito pascal?...»

«Determinados os números, importa estudar-lhes o significado para conhecer as causas de alguns afastamentos ou de alguns regressos. A averiguação do mal não é ainda a diagnose, sem a qual não se pode falar de exacta prognose, e muito menos de tratamento adequado».

«Quem sabe, amados filhos, se mesmo em Roma não convém reexaminar o trabalho apostólico à luz dos princípios que regulam toda a colaboração bem entendida. Segundo Nos consta, é esta uma das exigências mais imperiosas para a acção apostólica do clero e do laicado. Por conseguinte, tudo o que fizerdes para coordenar o vosso trabalho será por Nós abençoado e será abençado por Deus... E assim, Roma eterna resplandecerá com progressivo fulgor diante de todos os povos, como farol de luz e de verdade!».

PADRE MANUEL FRANCO FALCÃO

5.ª CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DE SOCIOLOGIA RELIGIOSA

De 31 de Agosto a 2 de Setembro realizou-se em Lovaina a 5.ª reunião da Conferência Internacional de Sociologia Religiosa, com a presença de duas centenas de representantes de 22 países de todo o mundo. Esta reunião marcou um progresso nítido sobre as anteriores pelo número de países representados e pelos trabalhos nela comunicados e projectados.

Portugal fez a sua estreia nesta Conferência com a presença de seis sacerdotes, 4 do Patriarcado e 2 de Vila Real. Na exposição de cartas e gráficos figuravam os resultados da sondagem à prática dominical no Patriarcado e entre as comunicações contava-se a do P.e António Augusto Martins, sacerdote de Vila Real, sobre os dados sociológicos contidos no «Problema da Vocação à luz da psicologia moderna», do Dr. Nabais, relativos às vocações sacerdotais em Portugal.

A fundação da Conferência Internacional de Sociologia Religiosa data do fim da guerra por iniciativa de alguns professores de sociologia da França e da Bélgica, entre os quais é justo destacar o nome do Cónego Leclercq seu presidente até este ano. A primeira reunião data de 1948. Outras se seguiram em Breda e La Tourette com um número crescente de participantes.

Desde o princípio, a preocupação dominante foi a de estabelecer contactos entre sociólogos dos diferentes países no sentido de porem em comum os métodos e resultados das investigações sobre os dados religiosos susceptíveis da interpretação sociológica. A partir sobretudo da reunião de Breda (1951) os trabalhos da Conferência tomaram uma orientação mais prática em ordem à pastoral.

Na reunião deste ano, esta orientação traduziu-se quer na elaboração do programa quer nos trabalhos e comunicações apresentados.

Foram três os temas escolhidos, ocupando cada um, um dos três dias de trabalho.

Em primeiro lugar estudaram-se os problemas do clero e das vocações sacerdotais e religiosas. Os estudos dos Padres Dellepoort e Collard focaram o problema do método de investigação exemplificado com os casos concretos, respectivamente das vocações na Holanda e das comunidades religiosas femininas na Bélgica.

O segundo dia foi consagrado ao estudo da planificação de paróquias urbanas. Numa primeira exposição, o professor húngaro de Lovaina, Denis Szabo, situou a paróquia na estrutura ecológica da cidade moderna, tal como os recentes estudos de sociologia no-la mostram. Tais estudos revelaram que a cidade, ao contrário do que se julgava, não é um mundo anónimo e disforme, mas a justa posição de uma série de mundos sociais, com as suas leis próprias de existência. A paróquia, na concepção tradicional, corresponde a uma certa fase do desenvolvimento social da sociedade urbana, hoje completamente ultrapassada. Tal concepção repousa na ideia duma comunidade integrada ou duma família agrupada em torno do seu chefe, ideia que não passa hoje de ficção nas grandes cidades. É necessária uma adaptação da paró-

quia às novas condições ecológicas do mundo urbano, sob pena de quebra de contacto com a maioria dos paroquianos. Esta adaptação terá que atender aos diversos tipos de paróquias urbanas e exige também uma escolha e preparação adequadas dos pastores delas encarregadas.

Numa segunda exposição, o Padre Fichter, S. J., professor da Universidade de Loyola (Nova Orleans, E. U. A.) apresentou uma análise penetrante da paróquia norte-americana como grupo social, chegando à conclusão de que a concepção da paróquia comunitária ou de tipo familiar não existe na sociedade americana.

Numa terceira exposição, o P.e Houtart, director do «Centre de Recherches Socio-Religieuses», de Bruxelas, apresentou esquemàticamente o estudo da planificação das paróquias urbanas, concretizando alguns aspectos com exemplos de Bruxelas, de cujo estudo está encarregado. Um projecto completo de planificação paroquial numa cidade inclue dois aspectos: 1.º, a planificação geográfica (localização dos lugares de culto e delimitação das paróquias) atendendo aos factores geográficos, demográficos, económicos, sociais, etc., sem menosprezar as perspectivas históricas; 2.º, a planificação da acção paroquial quer no plano local, quer no plano da zona quer no plano mais vasto de toda a cidade. Um estudo desta natureza é demasiado complexo para que possa ser empreendido por pessoas sem preparação. Além disso a falta de elementos estatísticos e monográficos, bem como a urgência da acção pastoral (criação de novas paróquias) tornam ainda mais difícil a sua realização, como tem acontecido em Bruxelas. Estas três interessantes exposições foram completadas com uma dúzia de comunicações apresentando os resultados de estudos sobre paróquias urbanas de vários países da Europa e da América.

O terceiro dia de trabalhos foi dedicado ao estudo das paróquias rurais. Coube ao Senhor Henri Mendras do «Centre de Recherches de Sociologie de Paris» analizar a evolução da vida nos campos por influência das grandes correntes migratórias. A autonomia e equilíbrio sociais que caraterizavam a vida das aldeias começaram a perder-se no século passado com as grandes transformações da ordem demográfica, económica e social por que o mundo ainda está a passar. Tal evolução, que terá por termo uma nova civilização rural, põe à Igreja problemas graves de adaptação que importa equacionar.

O Cónego Boulard, universalmente conhecido pelos seus trabalhos de sociologia religiosa particularmente nos que se referem à França rural, apresentou os resultados duma tentativa de investigação do óptimo de população para as paróquias rurais.

Finalmente, o Padre Laloux, do Centro de Investigação socio-religiosas de Bruxelas, apresentou um estudo relativo à planificação das paróquias rurais. A urgência de tal planificação faz-se sentir particularmente na Bélgica em virtude da rápida evolução técnica da agricultura, da forte densidade da população e do desenvolvimento extraordinário dos meios de comunicação. Numa planificação das paróquias rurais importa primeiro descobrir as zonas humanas e dentro de cada uma os vários tipos de povoações (vilas centros de atracção, aldeias satélites). Verifica-se que, salvo raras excepções, não existe uma organização apostólica na dimensão da zona humana. Uma reorganização do apostolado nas zonas rurais implica, por um lado, o reajustamento da divisão paroquial de acordo com as realidades da vida social, e por outro lado, a própria distribuição e organização em equipes do clero: nos planos da paróquia, da vigararia

e da diocese. Tal trabalho encontra sempre grandes dificuldades e necessita de uma prévia preparação psicológica das populações e também do clero.

Na sessão de encerramento falou em primeiro lugar o professor Gabriel Lebras, o verdadeiro iniciador dos estudos de sociologia religiosa, traçando um vasto programa de estudos a realizar. Entre outros pontos insistiu na necessidade de uniformizar a terminologia usada nesta matéria, bem como os critérios, definição e métodos, como condição de utilização dos dados obtidos nos diversos países. Apontou alguns domínios a que é preciso levar a investigação e a reflexão científicas para que haja verdadeiramente sociologia e não apenas sociografia. Chamou a atenção para os estudos históricos e de psicologia religiosa como fundamentais para o conhecimento das causas e das leis que presidem aos fenómenos religiosos das sociedades.

Encerrou a sessão o Cónego Leclercq que anunciou a sua substituição na presidência da Conferência Internacional de Sociologia Religiosa pelo Professor Jean Labbens até agora seu Secretário Geral e a substituição deste na Secretaria Geral pelo P. Houtart o dinâmico secretário desta 5.ª Conferência.

Durante os três dias de trabalhos esteve patente uma exposição de mapas e gráficos de sociologia religiosa relativos a estudos feitos nestes dois últimos anos em todo o mundo católico. Entre outros figuravam os trabalhos dos principais institutos que se dedicam a estes estudos: Amtliche Zentralstelle fur kirchliche Statistik des katholischen Deutschlands (Alemanha), Katholick social-werkelijk Instituut (Holanda), Centre de Recherches Socio-Religieuses (Bélgica), Centre Catholique de Sociologie Religieuse de Paris e Institut de Sociologie de Lyon (França), etc.

«NINGUÉM JAMAIS A DETURPE»

Morreu o Padre Américo — que irá suceder agora?

Todos os que amam a Obra da Rua viram certamente erguer-se diante dos seus olhos esta interrogação e não conseguiram encará-la sem dolorosas apreensões.

Ele era único, insubstituível, inigualável. Ninguém mais faria aquilo que ele fez, como o fez e como disse que o fez. Ninguém.

Guiavam-no intuições maravilhosas, para lá do bom-senso, das lógicas e dos cálculos. Se nós não tivéssemos sido testemunhas, e um cronista vindouro, um qualquer perito nas relações entre causas e efeitos, nos contasse como se fez uma obra de tal grandeza material com um tal desprezo pelas condições materiais, a sua narrativa entraria nos domínios da lenda. Quem não visse não poderia acreditar. E mesmo vendo, quem poderá frutar-se ao mistério duma sabedoria inexplicável, quase gratuita? Através simplesmente da forma de pedir, manifestava ele um conhecimento profundo dos abismos do coração humano.

Homem de acção e todavia plenamente sacerdote. Sacerdote, não *apesar de,* mas *enquanto* homem de acção. Sacerdote para quem o sobrenatural e o natural constituiam uma única realidade indivisível. Nas suas mãos sacerdotais, por isso, as coisas — actos, dádivas, palavras, erros, pessoas... — todas as realidades terrestres adquiriam uma fisionomia diferente e uma dimensão sobrenatural. Carta cheia de erros que um quase analfabeto lhe escrevesse, se ele a tocasse e a mostrasse «n'O Gaiato» sem nada corrigir, até dos olhos dos gramáticos arrancaria lágrimas. As suas próprias palavras chegavam a nós como que vindas ao mesmo tempo de muito perto e de muito longe, cheias de clareza e de ressonâncias misteriosas. Sacerdote do Altíssimo, ele decifrava o sentido das coisas e colocava-as sobre a patena para as erguer bem alto, num acto de louvor e amor a Deus. Tocado por ele, o pão cotidiano das realidades adquiria um sabor eucarístico. Dir-se-ia que ele obrigava a matéria a cumprir uma função teologal. Porque a sua obra foi, além de tudo, uma grande, enorme oferenda, que o sacerdote colocava sobre o altar do Santo Sacrifício: as actividades mais remotas integravam-se nela, tão intimamente como o lava-pés na transcendência da última ceia. Até os sofrimentos irremediáveis, até esses consagrava, e quis para eles um altar especial, o *Calvário.* E como tudo atingia deste modo o seu fim último e produzia no facto de o atingir magníficos frutos temporais, nunca os pobres deixaram de mãos vasias diante de Deus o glorioso Mendigo que tinha sempre as mãos cheias de Deus diante dos homens. Ele colocava Deus ao nosso alcance e exercia, com uma audácia desmedida, o poder de comunicar a Sua Graça. Sob este aspecto, o único que verdadeiramente a singulariza, a sua obra tem sido entre nós um poderoso factor de santificação, e nunca, tal como é, poderia ter sido feita por um leigo.

Homem de caridade. Não da caridade *que dá* e com isso se dispensa de amar, mas da caridade *que ama,* e por isso dá, pede, sofre, inventa — e por isso alastra como

um incêndio. Caridade que ama, não as prendas naturais e as virtudes mundanas, mas a verdadeira Face do Senhor, cuspida e ensanguentada nos membros do Seu Corpo Místico, detentores duma infinita dignidade. Ele praticou a caridade na sua forma autêntica. Restaurou a divindade da sua origem e a divindade do seu objecto. A vaga verdade do catecismo passou a ser uma coisa viva em que se esbarra: impossível que muitos cegos, crentes ou descrentes, não tivessem esbarrado nela e posto o dedo trémulo na chaga do Corpo de Cristo.

Ele tinha uma consciência vivíssima do sobrenatural, sem que isso o afastasse de certas *ninharias* temporais. Não se tratava, com efeito, dum sobrenatural exclusivamente divino, de costas viradas para o homem, mas do sobrenatural incarnado, integral, da Nova Lei. E daí a sua inabalável confiança no homem, imagem e semelhança do Criador. Chega a ser espantoso que, pondo a sua esperança só em Deus, tivesse levado tão longe a confiança no homem, até ao absurdo, até chegar a parecer infantil. Ele *demonstrou* que o homem nunca falha quando se toma a Deus por seu fiador. Com efeito, nunca ninguém que tivesse confiado tanto foi tão pouco ludibriado. Deus não pode cooperar num ludíbrio. Sem esta consciência do sobrenatural humano seria inexplicável a fecundidade material da pobreza, que é um dos fundamentos da sua obra e que pôs em movimento riquezas incalculáveis. Pois não é menos espantosa a resposta que deram os portugueses à sua afirmação de confiança e a quantidade de sobrenatural que essa resposta denuncia. Todo o dinheiro que lhe permitisse realizar a sua obra havia de vir directamente dos homens. Ele sabia-o, afirmava-o, e pedia. Mas pedia com a antecipada certeza de não se enganar. Pedia como se o acto de dar não dependesse daqueles a quem pedia. Para responder a um apelo formulado desta maneira não basta partir da solidariedade, do altruismo, da noção que os ricos tenham dos seus deveres ou de qualquer máscara subtil em que o egoismo se esconda: é preciso acreditar que há no homem qualquer coisa que o ultrapassa, uma afinidade, uma relação de parentesco com Deus. A esta luz, quantos homens não teria o Padre Américo revelado a si mesmos! Quantos não teriam estremecido, pela primeira vez, diante do mistério! Quantos não teriam, ao menos, visto a escuridão! Sob este aspecto, as dimensões da Obra da Rua não têm limites. É incontável o número dos seus beneficiários — todos aqueles que se deixavam arrastar pela força da verdade vivida. O jovem, por exemplo, que enviava para a obra 500$00 acrescentando — «o meu primeiro ordenado», estava implicitamente a declarar o sacrifício mais valioso e mais fecundo que o dinheiro, que era apenas um documento, um sinal do seu amor. Pessoas assim — e são tantas! — descobrem o sobrenatural e vivem uma vida nova, assente numa nova escala de valores. Por isso o Padre Américo as declarava *felizes*. E não pode deixar de ser grande o número daqueles a quem esta vivência dum sobrenatural no plano das realidades e ao nível do homem da rua restituiu as provas da sua nobreza e da sua divina filiação. Para além das casas construídas, dos pobres socorridos e das crianças recuperadas, que largos horizontes não abriu diante de nós o Padre Américo!

Decididamente, só um homem de dotes excepcionais conseguiria realizar a maior obra de Portugal nos nossos dias com a só matéria prima do amor. Só ele, que foi, em todas as dimensões, o maior homem de Portugal nos nossos dias.

Quem há-de suceder a um homem destes? Quem ocupará o lugar que ele deixou,

e lugar que é absolutamente necessário preencher? Quem pode? Quem tem a coragem, a humildade, o destemor? Começará aqui o princípio do fim?

* *

Embora sejam raros os que não tenha aguilhoado esta incerteza, a verdade é que, no fundo, a questão não tem para nós razão de ser. A Obra da Rua — que era *do* Padre Américo porque precisava de ter um responsável diante dos homens — está assente na rocha do sobrenatural. Através do vasio deixado pelo Fundador ausente, quem a tiver compreendido não vê mais nada senão Aquilo que o Padre Américo sempre declarara ver — *nisi solum Jesum, et hunc crucifixum.*

Nesta hora de luto e de incerteza ela exige portanto, acima de tudo, um acto de fé. Não na prudência dos homens, mas na Providência de *Deus que* — como reza o «testamento» — *fez a obra.* Único e insubstituível era na verdade o Padre Américo. Perdendo-o, todavia, a Obra da Rua nada perdeu de essencial. Antes e depois, a essência permanece: Deus. O Deus dos vivos. O Deus da comunicação dos santos, da ressurreição da carne e da vida eterna.

E foi ele, o Padre Américo, que o disse. Deus é na Obra da Rua, não apenas a inspiração, não apenas o motivo, mas a essência, o sangue e a força propulsora. Obra divina. Divina por direito próprio. Não por ter sido feita por Quem foi, mas por ser O que é. Nessa obra desempenhava ele o papel de causa instrumental (que é de resto a única forma de o representar no mais elevado grau de lucidez e convicção), com tantos direitos de autor sobre ela como os do pincel sobre o quadro que pinta. Isto disse-o e escreveu-o repetidamente de muitas maneiras, e aplaudiu sempre aqueles que, na impossibilidade de dar aos acontecimentos uma explicação natural, vagamente se aperceberam do mistério.

Quando eu morrer — escreveu ele um dia — *far-se-á luz.* Efectivamente, a sua morte vem pôr-nos a espada ao peito: por força da sua autoridade e para não cairmos no absurdo, temos de acreditar que é de Deus a *sua* Obra, e que Deus continua nela, e que a acção póstuma do fundador continua nela, e que os Padres da Rua, quemquer que sejam aqueles a quem Deus outorgou a pesada herança, continuam depositários do mesmo Espírito que operou maravilhas na pessoa do Padre Américo. O mesmo Autor omnipotente e o mesmo divino drama que se desenrola. Só as as figuras variaram.

Temos de acreditar. Se não, é porque *aceitamos* a morte da Obra da Rua, após a agonia mais ou menos longa duma vida fictícia, lentamente dissolvida numa qualquer burocracia sàbiamente montada.

Ora, se a Obra da Rua é de Deus através do Padre Américo, não fazem sentido as solicitudes da falsa prudência. Que vem fazer a lógica, os cálculos e as previsões numa obra que, fiel à matemática de Deus, desafiou e negou tudo isso desde a primeira hora? Deus actuará na escolha. Deus dará forças e luzes aos Padres da Rua, desde que não se atraiçoe o espírito inicial, ainda que a escolha seja aparentemente mal feita. Deus aplicará em benefício da Obra os méritos da vida do Fundador, os méritos

da sua morte, e os méritos do grande sofrimento que a sua morte causou. Porque nas mãos de Deus nada se perde e nunca ninguém sabe que de riquezas têm para dar.

Mas se a Obra da Rua era uma criação humanamente autónoma, apenas devida ao engenho do Padre Américo, que nos enganou atribuindo-a a Deus e levando para o túmulo a sua varinha mágica, então sim: faz sentido que a gente se aflija e vacile e chore, e desespere diante da cova aberta aonde vai desabar, amortalhada embora no mesmo rótulo, a linda obra construída sobre a areia.

Por mais abundantes que sejam os recursos sobrenaturais de que a Obra dispõe, é fácil ver que o seu destino depende até certo ponto da posição que tomarmos perante o dilema. Ela é, também, uma obra colectiva, obra nossa, onde todos deixámos cair a pequenina gota da nossa afeição: dádivas, orações, sacrifícios... Por falta de fé, podemos tornar-nos responsáveis de atrair sobre ela *a maldição de Deus que fez a obra.* O Padre Américo dizia que só depois da sua morte é que a verdadeira obra *começava.* Mais um voto de confiança no homem, na capacidade da sua fé. É preciso corresponder. No entanto, muitos, aqueles em que os preconceitos ou a cegueira de alma puderem mais do que o amor, hão-de *matar* a Obra no seu coração. Na melhor das hipóteses, hão-de continuar a auxiliá-la *em memória do Falecido,* que é um processo muito eficaz de lhe suavizar e prolongar a agonia. Outros, porém, os que não são tíbios, os crentes de verdade (ou num Deus privativo ou no Deus do Padre Américo), os corações em que o amor venceu a morte, esses hão-de continuar a amá-la por ela mesma e porque o Falecido está lá, vivo, glorioso e operante como nunca. E todos compreenderão cada vez melhor o Deus do Padre Américo, *Deus Absconditus,* que escreve direito por linhas tortas.

E com isto a Obra da Rua só ganhará em pureza e em poder santificador. Embora nela haja sempre, como em todas as obras humano-divinas, aquela percentagem de sujidade em que Deus se esconde e que é o sinal do contributo humano, aumentará de certeza o brilho e o alcance da sua luz. *Quando eu morrer far-se-á luz* — disse ele.

Fiéis à doutrina e firmes na promessa do Mestre, discípulo, que foi, de Cristo, distribuidor de pão e de Deus a toda a espécie de famintos, um só caminho nos abre a sua morte: o de amar com uma fé nova e uma caridade mais pura a Obra da Rua, como se nos bastidores nada tivesse acontecido e nada viesse a acontecer. Deus vai ao leme, e aquilo que acontece não é da nossa conta.

N. S.

DUAS TENTATIVAS DE APOSTOLADO OPERÁRIO

Conferência proferida em Lisboa pelo P. Jean Marie, dos Irmãos do P. Foucauld

Antes de abordar o assunto que vou tentar desonvolver, julgo necessário fazer uma confissão. Quando me pediram fizesse esta conferência, o que primeiro me ocorreu foi recusar. Por duas razões: a primeira é que não sou orador nem conferencista; disso vós mesmo vos dareis conta. A segunda é que o assunto é muito delicado e já provocou ruido de mais em torno dele. Se finalmente aceitei, foi porque actualmente já se acalmaram um pouco as paixões suscitadas e porque aquilo que foi discutido não está morto, antes permanece. Sobretudo, não desespero de inocular, no mais fundo das almas generosas, esta angústia perante a rápida invasão do nosso mundo cristão por ideologias cristãs falseadas ou por ideologias anti-cristãs. Porque este problema é um problema da Igreja. Não nos pertence, nem a este nem aquele, resolvê-lo. A decisão compete à Igreja, guardiã da doutrina e dos costumes, mas tornamo-nos mais profundamente membros dela — somos principalmente dela — ao comungarmos no sofrimento de ver as multidões de homens que se afastam e perdem, e o corpo de Cristo martirizado. Ficarei satisfeito e darei graças ao Senhor se, no fim destas breves palavras, vós tiverdes compreendido mais profundamente o sentido desta palavra de Cristo. «Vim trazer o fogo à terra; que quero eu senão que ele arda?».

Entremos assim no 1.º ponto: A Igreja, corpo de Cristo, não dá verdadeiramente testemunho de Cristo se não for Igreja dos pobres. Entendamo-nos. Ela é Igreja para todos, mas o que a distingue de qualquer outra sociedade cultural é a sua predilecção pelos pobres. Vós conheceis a cena: J. Baptista pregava além Jordão e ouve dizer que outro começa também a pregar. Ele, João Baptista, bem sabe que não passa dum precursor e que, depois dele, virá outro, maior do que ele. Será estoutro? Envia-lhe mensageiros: «Diz-nos se és o Cristo que há-de vir?» E a isto Jesus responde simplesmente. «Ide dizer a João e a este sinal ele reconhecerá quem sou. Ide dizer a João que os cegos veem, os coxos andam, os pobres são evangelizados».

E também o episódio de Zaqueu. Zaqueu, o banqueiro, o homenzinho que trepou a um sicómeo para ver Jesus. «Zaqueu, desce, diz-lhe Jesus. Vou para tua casa» — «Senhor, em atenção a vós, dou aos pobres metade dos meus bens. «Em verdade te digo, hoje entrou a salvação na tua casa». Podiam-se multiplicar os exemplos, e sempre se encontraria esta predilecção de Jesus pelos pobres.

Importa reconhecê-lo: uma igreja que quer ser fiel a Cristo, deve ter esta mesma predilecção pelos pobres.

De 1918 a 1950, fizeram-se em França, com mais ou menos sucesso, várias tentativas de evangelização do povo, que as estatísticas revelavam quase completamente afastado da Igreja.

Os Filhos da Caridade, fundados pelo P. Anizon em 1918, especialmente formados para o apostolado entre os operários, ocuparam-se de paróquias inteiramente operárias. O «Prado» seguia a mesma linha, alargando igualmente aos campos a sua preocupação apostólica, que levava os seus padres a viver em comunidades de vigararia, para se ampararem mùtuamente no trabalho paroquial.

O ano de 1933 via a fundação, no deserto do Saará, da Congregação dos Irmãozinhos de Jesus, os quais, considerando o P. de Foucauld como seu fundador, se determinaram a viver no meio dos pobres a sua vida religiosa segundo o Evangelho.

1938 via a Ir. Madalena fundar, na mesma orientação, Irmãzinhas de Jesus, que se obrigaram a viver o seu trabalho, uma vida de amor, no meio das classes pobres.

Outras Congregações recentes, p. ex. as Irmãzinhas da Assunção, consagraram-se já sòmente aos cuidados corporais dos pobres.

E quando sobreveio a grande perturbação da guerra 1939-45 surgiram outras novidades, todas sob a mesma inspiração: vida religiosa no mundo, para que Cristo aí esteja presente e a sua presença seja fonte de Graças e de redenção.

Basta abrir o Evangelho para ver quantas graças, de luz, de fé, de esperança, quanto bem, brotava do contacto com Jesus. «Se eu pudera tocar ao menos a fímbria do seu vestido, dizia a hemorroissa, seria curada». E a mesma história repete-se, porque Jesus prometeu que ficaria com os seus. E é por isso que ao mesmo tempo como frutos que, estando maduros, caiem da árvore, o E. Santo suscita vocações semelhantes. Em Marselha, o P. Perrin fundava as suas Religiosas sem hábito, que continuavam em casa de sua família e no seu trabalho, para serem um fermento no escritório ou na oficina. Em Paris, o P. Roussel fundava as trabalhadoras missionárias, religiosas em traje civil, que trabalham para ganhar a vida na mais estricta pobreza, e se consagram à salvação e reeducação das prostituídas. Ao mesmo tempo, e pelo mesmo desejo de devoção mais total ao mundo proletário, alguns padres, com o acordo dos seus bispos penetravam nos meios de trabalho e, operários no meio dos operários, tentavam aí replantar a Igreja. Abundante germinação.

Tranquilizai-vos, porque nos limitaremos a ver em conjunto duas destas tentativas. A dos que foram chamados P. Operários e a dos Irmãozinhos e Irmãzinhas de Jesus.

E conhecida a situação política da França em 1940. Grande parte do território ocupado pelos alemães e os franceses subjugados. Milhares, dezenas de milhares de jovens levados para as cidades do Reich, para, sob a vigilância e tutela dos «nazis», trabalhar nas fábricas cujos operários tinham sido mobilizados para o exército. Não se vê partir assim milhões de homens, sem inquietação acerca da cura das suas almas. Já então os padres conheciam este serviço das almas em condições excepcionais. O serviço militar obrigatório tinha-os levado todos a viver lado a lado com os homens do povo. E apesar de o Padre não ser um guerreiro, todos tinham lucrado com este contacto temporário quando ainda seminaristas, i. é, durante a sua formação, pois reencontraram a simplicidade de contacto exigida pela mentalidade e timidez do povo.

Os «Nazis» não autorizavam que os recrutas formados, que levavam para trabalhar, fossem acompanhados por capelães. Portanto, se se queria facultar aos jovens que partiam — militantes jocistas e outros — a ajuda dos Sacramentos, era preciso

encontrar outro meio. E foi este: que alguns padres, ocultando a sua qualidade sacerdotal, se fizessem recrutas como trabalhadores e, ficando com os seus, passassem a ser capelães clandestinos. É neste quadro que é preciso colocar os primeiros padres operários da mesma época. É o que é preciso saber primeiro, se se quiser compreendê-los. Foram movidos por uma preocupação apostólica. Eram padres, antes de mais nada. Que foi a sua vida entre os deportados? Contou-no-la um livro «Diário dum Padre operário na Alemanha», do P. Perrin, morto há meses em Paris, num acidente de moto, na praça da Concórdia.

- Não podendo revelar o seu sacerdócio, eram apenas operários. Sòmente alguns dos seus companheiros os conheciam. Para os outros, eram só mais um companheiro entre muitos. Mas um companheiro ideal, em torno de quem ràpidamente se formava um círculo de amigos. O sofrimento suportado em comum liga as almas mais que qualquer outra coisa. Não há verdadeira amizade sem semelhança, sem identidade. Mas quando nasce da identidade, a amizade gera uma nova semelhança pois maior é a influência duma sobre a outra. Ou antes, é a mais forte que destrói, decalcando-se sobre a mais fraca. E os padres escondidos não podiam deixar de dar-se conta de que, graças ao seu contacto amigo, os homens cresciam em graça e se aproximavam de Cristo. Tomavam consciência também de quão grande era o número dos que ignoravam tudo acerca da Igreja, para quem Cristo não era ninguém. Sabia-se já que só 1 % dos operários franceses frequentava a Igreja, mas nunca se suposeram uma ignorância e um paganismo assim. A Cristo, ignoravam-no — muitos não tinham ouvido falar dele tanto quanto as tribus mais longínquas do sertão brasileiro — quanto à Igreja, só era conhecida pelo exterior: um edifício muito grande, onde aos domingos se reunem as pessoas que têm tempo para isso, onde se vendem velas e onde se pede dinheiro. Sabia-se que havia os bispos e um Papa — mas toda essa gente, que vivia em palácios, que tinha ela a ver com os operários?

Resumindo, esses padres, porque viviam incógnitos, no meio dos operários, tomaram então consciência e só então, de que a Igreja jamais estivera nesse mundo do trabalho, no mundo do trabalho moderno, nascido em 1830, na época em que, ao mesmo tempo, despontava a burguesia. Burguesia e mundo do trabalho deveriam evoluir separadamente, e sem que se tivesse atentado nisso (não por falta de generosidade, mas por motivos que nos não compete analizar agora) a Igreja deixa ao abandono um mundo novo, cujo emprego do tempo e modo de vida em nada correspondiam àquilo a que se estava habituado.

Foi nessa altura que apareceu o livro do P. Godin — «A França, terra de missão». Teve um êxito enorme: punha o dedo na ferida, e essa ferida doía. Em França, também, qualquer pessoa verificava que o mundo operário estava fora da Igreja; pior do que isso: a Igreja, tal como era, não podia recuperá-lo, assimilá-lo. Era o emprego do tempo, que se não ajustava à hora dos ofícios, era sobretudo uma mentalidade e um modo de ser humanos a que o clero não estava habituado. A rudeza da vida gera a dos costumes e do falar; formado numa escola completamente diferente, o clero fugia do que considerava como vulgaridade. Timidamente, qualquer jovem operário nascido e criado nos bairros sem luz ou nas ruas, por certo entrava, alguma vez na vida, em contacto com um padre; porém, incompreendido e mal recebido, nunca mais lá voltaria. De resto, a casa em que vive o padre, que era ela senão — para ele — um organismo

de pedir dinheiro — o dinheiro, que tanto lhe custa a ganhar — dizendo-se-lhe que, por esse modo, se perece em paz com Deus, com um Deus que se não conhece?

Psicològicamente, aliás, a coisa compreende-se: gosta-se das pessoas que são como nós, que vivem sobre o mesmo chão e debaixo do mesmo tecto. Este povo quer padres do povo, o que é mais que legítimo — as cortes reais tinham padres da corte, e a burguesia actual quer padres burgueses. A Igreja é de todos os meios, mas a tentação humana mais forte é a de ficar naquele que é mais fácil.

Distância enorme, portanto, a que levava o P. Godin a fundar em Janeiro de 1944, na Rua Gameron, n.º 49, a Missão de Paris. Por sinal que nessa mesma noite, o P. Godin, que amava o povo ao ponto dele ser também «povo», morria asfixiado no seu quarto. Mas a Missão estava fundada, e o livro que publicara continuava a esclarecer e a inquietar todos aqueles que até aí se haviam deixado estar numa tranquila quietude. Foi por essa altura que a guerra acabou.

Os trabalhadores deportados voltam da Alemanha e, com eles, os padres que os acompanharam. Que vão eles fazer agora? Retomar as suas paróquias, igrejas e presbitérios? Eles bem sabem que em tal caso será o fim do apostolado no mundo operário, que ao revestirem a batina terão voltado ao seu «isolamentozinho». De novo ficarão separados daqueles que, no sofrimento do exílio, se tinham tornado seus amigos, daqueles que eles tinham conseguido transformar em militantes cristãos.

A identidade gera a amizade. Agora, é a amizade que exige a identidade. A alternativa perante a qual estavam colocados era esta: ou voltar à vida de antigamente, e deixar que as almas se perdessem, ou ficar no meio do povo para o salvar.

Para alguns deles, a resposta não constituiu problema: para salvar os operários, que tinham aprendido a amar, e para dar testemunho antes de tudo o mais, ficaram entre os operários. O Cardial Suhard, arcebispo de Paris bem o compreendia. Angustiado até ao fundo da alma pelo abandono de tantas almas — com a consciência viva de que tais almas lhe estavam confiadas, dependiam dele, de que era ele o responsável pela salvação — não podia recuar perante qualquer audácia: concordou, sem o menor esforço. Eram precisos apóstolos ardentes, no meio dos operários — era preciso que a Igraja aí estivesse presente — era preciso que nunca mais se pudesse dizer a palavra escandalosa de que a Igreja, amiga dos pobres, os havia posto à margem. Os padres operários continuariam operários. Assim estariam mais próximos dos seus, no meio e na ambiência do povo, seriam do povo, seriam «povo». Teriam a mesma vida, o mesmo modo de falar, os mesmos costumes e mentalidade, e talvez se conseguisse fazer cessar o escândalo do mundo dos pobres longe de Cristo.

Padres do «Prado» em Lião em S. Estêvão (St. Etienne), dominicanos e jesuítas em Marselha, oblatos de Maria em Limoges, capuchinhos em Colombes, jesuítas em Lila, padres diocesanos em todas as grandes cidades, por toda a parte se formaram equipas, de acordo com os bispos, na linha da mais estrita obediência.

Teològicamente nada há a opor — é coisa normal que um padre trabalhe. O carácter impresso pelo sacramento da Ordem consagra-o padre, i. é, identifica-o com Cristo, mas não em todo o Seu ser, antes apenas com Cristo sacerdote. O padre é consagrado sòmente para dar aos homens a vida sacramental e, por derivação para lhes dar a verdade que prepara para a vida sacramental.

Sendo assim, que é que impede o padre de, fora destas circunstâncias, ser como

todos os outros? Quando celebra a Santa Missa ou administra os Sacramentos, é Ministro de Deus; para isso as suas mãos foram consagradas. Fora disso, a sua actividade pode ser a do resto dos homens. Não faltam antecedentes: descobriu-se, nas Actas da Santa Sé mais antigas, que a Igreja, até ao séc. XVI, recomendou sem cessar aos padres que vivessem do trabalho das suas mãos, e para ir até à suprema autoridade, S. Paulo era tecelão e Jesus carpinteiro.

1953 — Passaram oito anos, oito anos de trabalhos e de sofrimentos. Miguel Favreau, padre operário de Bordeus, morrera em pleno porto, esmagado por uma lingada, quando substituia um pai de família no seu trabalho. E Mons. Richaud considerara esta imolação como uma bênção do céu para o trabalho dos padres. Mas, de súbito, Roma intervém e pede que sejam dadas directivas aos padres operários, no sentido de limitar as suas horas de trabalho. Porquê? Porque estava aí um dos erros cometidos.

Aos padres operários da Alemanha, que aí tinham dado já as suas provas, outros se haviam juntado. Eram mais de 100 nas grandes cidades e desses 100, infelizmente, bastantes estavam mal preparados, pois não tinham outra bagagem além da formação seminarística. Ora a vida de trabalho é rude a mais não poder ser, e a vida de piedade não se consegue improvisar nela. Foi disto, de que esta vida se não improvisa, que os próprios bispos não se deram conta a tempo.

De facto, quando convinha escolher, para este género de apostolado, os elementos mais sólidos e bem formados, eram muitas vezes os outros que para ele eram designados e, quando o Cardial Gerlier exigiu dez anos de trabalho paroquial antes de se ser padre operário era já muito tarde.

Que se passava, com efeito, no meio de trabalho? A vida do trabalhador é dura. São precisas uma fé bem firme, e uma vida interior suficientemente evoluída para fazer face a tudo: o sentimentalismo religioso é o primeiro a morrer afogado, no mar do cansaço físico, e a actividade intelectual, sobre que nos podemos apoiar para conservar a fé, é enormemente diminuída pelo trabalho corporal. Quem quiser conservar uma vida espiritual suficiente para se elevar e para elevar os outros, deve saber que tem de evitar as fadigas exececessivamente violentas e de reservar bastante tempo para o contacto com Deus na oração. Muitos não o sabiam, por nunca o terem experimentado, e essa foi a causa da sua queda.

Se se recebeu missão de apostolado, é preciso saber permanecer nela: a organização da cidade material pertence aos leigos. Mas quando se vive no meio dum mundo injusto e se é generoso, quer-se combater a injustiça. No mundo operário, quer-se que cesse a escravatura, e quando os leigos não são suficientemente activo, é grande a tentação de meter ombros à empresa por si mesmo, tanto quanto se puder e de se deixar sobrecarregar por uma super-actividade, que não é a que se recebeu como missão.

Conheci pessoalmente vários padres operários e posso dar testemunho da sua completa e magnífica generosidade; a sua falta, a sua única falta, assim o creio, foi a de não terem sabido limitar-se, a de terem abusado das suas forças. É que era esse o escolho: quando se está perante o comunismo, estamos antecipadamente derrotados se descemos a combater no terreno dele. É uma manobra de persuasão progressiva que toma conta do militante e o arrasta sem parar, e sem ele dar por isso, para onde se encontrar a doutrina social mais avançada. Assim, a potência demoníaca da táctica

comunista deveria arrastar alguns padres, muito generosos, mas pouco esclarecidos, a tomar atitudes e a sustentar posições que a Igreja não podia já aprovar.

Foi o menor número mas — desgraçadamente a imprensa tem o gosto de escândalo — foram estes quem mais ruído provocou. O próprio livro de Cesbron — «Os santos vão para o inferno» — apresentando um padre operário que já não acreditava nos sacramentos, provocara um espanto enorme. Mas não dava a verdadeira figura do padre operário.

Começava a nascer uma tendência, que pretendia ser inútil evangelizar antes de ter reformado a estrutura social. Não era essa a opinião da maioria, para quem a evangelização e a reforma social devem caminhar a par, devendo o homem encontrar o seu lugar ao mesmo tempo na comunidade da terra e na Igreja, a comunidade do Céu.

Apesar de tudo, havia erro e o escândalo aumentava. A Santa Sé, julgou de seu dever intervir, e interveio. As reacções foram em sentidos muito diferentes. Entre os padres operários pròpriamente ditos, um pequeno número, desorientado, desencorajado, esgotado de corpo e espírito pela fadiga, abandonou a Igreja. Fraqueza de corpo e de almas estenuados. Não lhes atiremos nós a primeira pedra: deram-se; Deus saberá retomá-los, pois nunca abandona uma alma generosa. Outros, deixaram de trabalhar. Cerca de metade continua, na maior parte dos casos com o acordo dos bispos, a quem Roma deixara uma certa latitude.

Os comunistas proclamaram imediatamente que a Igreja acabava de manifestar a sua oposição aos trabalhadores mas a objecção não colheu, porque logo se soube que o bispo auxiliar de Lião deixara o palácio episcopal e se fizera, ele mesmo, com o acordo de Roma, operário também. Vive num bairro operário da cidade, onde ninguém sabe quem é, trabalha com as suas próprias mãos, tomando, como S. Paulo, a condição de trabalhador. E isto restituiu a confiança aos militantes cristãos mais desencorajados. No mundo dos leigos, houve quem reclamasse uma concordata, mas não teve eco. Onde, porém, o efeito foi maior, foi entre os patrões cristãos. Um dos nossos irmãos esteve em contacto, nessa altura, com alguns deles. Um tinha perdido completamente o sono: levantava-se de noite e percorria o quarto em todos os sentidos, perguntando-se a si mesmo o porquê da coisa. — Se, na minha fábrica, um padre perdeu a sua fé, como a podem ter os operários? Um padre, que tinha recebido uma formação, ao passo que os meus operário não. Segue-se daqui que eu tenho responsabilidade no sucedido: as estruturas da fábrica não são estruturas cristãs. E como muitos outros, chegou à conclusão de que se impunha modificar a organização do trabalho, reconstruir um mundo socialmente novo, para que este mundo possa ser um mundo cristão, já que, sendo o homem um todo uno, para que ele seja um verdadeiro cristão, tem de, primeiro, poder ser verdadeiramente um homem.

E um outro proprietário duma grande fábrica, chamou um dia um de nós para lhe dizer: «Tenho pensado muito no que ùltimamente tem acontecido. Actualmente sou livre: a minha mulher morreu, os meus filhos estão crescidos. Quero vender a minha fábrica e tornar-me solidário com um mundo operário, fazendo-me também operário. Tenho 54 anos: ainda posso aprender um ofício e trabalhar convosco. Quereis-me vós?»

É com sacrifícios destes, que vão até ao heroismo, que se pode esperar construir um mundo novo. Porque ele tinha compreendido que, para elevar alguém, é pre-

ciso estar ao nível desse alguém, e depois subir com ele, porque, quando se ocupa um lugar superior, corre-se o risco de nos instalarmos nele e de, tomados pelas ocupações próprias, nunca mais nos preocuparmos com os que estão em baixo.

Presentemente, que resta de tudo isto? Algumas equipas de padres obtiveram autorização para retomar o trabalho. Mesmo em Paris há uma que recomeça nos cais do Sena. Mas a preocupação fundamental é a do silêncio, pois está feita já a dolorosa experiência de que, com o ruído, nada se consegue fazer.

Recordo-me de ter encontrado um dia em Paris o P. Hollande, superior da Missão de Paris. Nessa altura trabalhava eu ali, não ainda como padre, mas tentando ser um militante operário. Estava esgotadíssimo e disse-lhe: «Que andamos nós a fazer? Isto não tem sentido absolutamente nenhum, não pode conduzir a nada, é uma idiotice completa». E, sem perder a calma, ele respondeu: «Andamos a lançar os fundamentos».

Sim, lançaram-se os fundamentos: queiram ou não, pôs-se, impôs-se, fortemente à consciência cristã um problema, o do mundo operário em busca de Deus e sem o encontrar. Os bispos, pastores do rebanho, estão inquietos e preocupados com ele no mais íntimo da alma, mas conservam a esperança, porque nenhum sofrimento é inútil. O Corpo de Cristo sofre porque é martirizado: a Igreja sofre, mas é talvez este sofrimento que salva, mais do que qualquer outra coisa. Não nos cabe a nós, cristãos, julgá-lo, mas considerá-lo com respeito e partilhá-lo.

A vocação dos Irmãozinhos (Petits Frères) de Jesus não é completamente idêntica. Enquanto o padre operário — chamemos-lhe agora, segundo o desejo da Igreja, padre da Missão operária — tinha por fim primário, essencial, recolocar a Igreja no meio operário, o Irmãozinho de Jesus procura, antes de mais, a união com Deus. Para o padre da Missão operária, a união com Deus aparece como necessidade do apostolado fecundo, dá o verdadeiro sentido ao seu apostolado. Para o Irmãozinho, o amor dos homens é a expressão, no mundo que o rodeia, do amor que ele tem a Deus. Está aqui a diferença fundamental. É a mesma diferença que existe, por exemplo, entre o assistente da Acção Católica, enviado com a missão de organizar os diversos grupos e de os ajudar a viver espiritualmente, e o trapista, dedicado exclusivamente à oração no seu convento. O ponto de semelhança está na doação total ao meio pobre, e é o que, visto de fora, pode gerar a confusão. Convinha, assim, que eu começasse por estabelecer esta diferença fundamental, para agora vos falar, com toda a liberdade, da vocação e da vida dos Irmãozinhos de Jesus. Apoiada a todo o instante pelos elogios e pelo encorajamento do Santo Padre, esta Congregação, bem como a das Irmãzinhas de Jesus, não acabou ainda de nascer. Se o P. Voillaume foi o organizador da Fraternidade tal como actualmente existe, o primeiro que concebeu e viveu o seu espírito foi o P. Carlos de Foucauld. Qual era, pois, o espírito do P. Foucauld? Antes disso, quem era ele? Antigo oficial de cavalaria, folgazão, vivia à grande; convertido no contacto com o Islão, na sua perigosa exploração de Marrocos, descobriu, ao lidar com os Muçulmanos, que realmente existe Deus, e que se Deus existe, deve ocupar-nos a vida inteira. Trapista-eremita junto das Clarissas de Nazaré, viveu depois no deserto, no meio dos povos nómadas do Hogger e veio a ser estùpidamente assassinado em 1 de Dezembro de 1916, por um grupo de guerrilheiros. Exteriormente, nada há, na sua vida cristã, daquilo que é costume procurar e admirar; nem uma grande fundação, nem

grandes obras. Toda a sua grandeza estava no coração. E o que faz dele hoje um homem da actualidade, é que procurou, sempre e sobretudo, ser pequeno. Em tudo — mas não no amor. Pequeno para servir, pequeno para amar Deus e para amar os homens. E nisto, há, para o mundo de hoje, uma novidade e por vezes um escândalo. Trouxe-nos uma mensagem. E qual é ela? Sim, porque todos os Santos têm uma mensagem, que é de oração em S. Bento, de pobreza em S. Francisco, de verdade em S. Domingos. Cada um deles marcou uma época. A mensagem do P. Foucauld resume-se numa só palavra: Nazaré. A sua fé, com efeito, não foi fruto da infância, assimilada com o leite materno; antes foi descoberta no deserto, aos 25 anos, em face do Islão. O Islão acredita em Deus, reza, mas evita as imagens e as devoções particulares: é uma religião de absoluto. Também o Cristianismo é uma religião de absoluto. E quando o P. Foucauld tiver descoberto Deus, dar-se-lhe-á, viverá o seu Cristianismo dum modo absoluto, com fogo e violência, pois escutou a palavra do Evangelho de que o Reino dos céus sofre violência e de que são os violentos que o conquistam. Mais rico que o Islão, o Cristianismo oferece-nos uma união com Deus, não sòmente no outro mundo, mas já neste: união com Deus-Trindade Santíssima, união com Deus-Eucaristia, união com Deus no Evangelho, palavra de Deus aos homens, adeantamento sobre a união com a palavra de Deus por toda a eternidade, com o Verbo incarnado, Jesus Cristo.

Impelido pela graça, e desejoso desta união, Carlos de Foucauld parte para Nazaré. E é lá que descobre a sua linha directora: ele quererá viver toda a sua vida como na casa de Nazaré, em companhia de Jesus, Maria e S. José. A fim de amar Jesus como seu irmão e para conhecer melhor o objecto do seu amor, procura aprender com aquela que tão bem o conheceu: Maria, Sua Mãe.

Resumamos em algumas palavras, pois: Nazaré é, para o P. Foucauld o meio de união com Deus. É uma fidelidade ao Evangelho, integralmente vivida para Deus. É uma vida no meio dos pobres, por amor dos pobres.

Meio de união com Deus. Não me demorarei muito neste ponto: Dizia-vos que a união a Deus neste mundo é pertença especial do Cristianismo. As outras duas religiões — as duas únicas doutrinas a que se pode dar o nome de religiões — não oferecem esta riqueza já desde a terra. O Islão oferece um paraíso de delícias e prazeres; se alguns místicos muçulmanos descobriram o amor que une, foi porque ultrapassaram o seu próprio islamismo. O hinduísmo oferece uma união do homem com o Grande Tudo, do pequeno todo com o grande todo, mas como uma aniquilação do homem, que já não é homem, que se fundiu no Universo. Sòmente o Cristianismo oferece a união com Deus, união que nos faz semelhantes com Deus e para obter a qual devemos imitar Deus, o Deus feito homem que é Cristo. Mas a riqueza do Cristianismo é tão grande que ninguém a esgotará por completo. Cada um imitará, de Deus, este ou aquele outro aspecto. Para o P. Foucauld foi o aspecto do apagamento, do silêncio, da oração, do trabalho. Era o que ele julgava mais acessível, mas — reconheçamo-lo — é o que é mais acessível a todos os homens, a todos os cristãos, e especialmente aos pobres. Porque a humilde casa de Nazaré era um lar de pobres, como todas as outras casas de pobres. Ter redescoberto isto não é uma mensagem para a época em que se verifica, no mesmo instante, a apostasia das classes pobres?

Formado nesta escola divina de Deus que fala à alma, o Irmãozinho será, escusado é dizê-lo, uma alma de silêncio. Como Jesus em Nazaré, viverá no mundo. Nada

o distingue, vestido como todos, passa despercebido, mas interiormente não é como o resto dos homens: está inteiramente ocupado com Deus. Trabalha com as Suas próprias mãos: padre ou não, ganha a vida no meio dos pobres, como os pobres, pobre ele também. Vive do seu salário escasso, porque Jesus em Nazaré também trabalhava com as suas próprias mãos e vivia do seu salário escasso. Levará o seu silêncio interior para o seu meio de trabalho, para o lugar do ruído das máquinas e das ferramentas, para as ruas, para as famílias amigas, porque este silêncio não é vazio, mas presença de Cristo. E uma presença de Cristo que ele levará para toda a parte, para a fábrica, no meio dos seus companheiros de trabalho, dos pobres dos bairros de lata, nas aldeias em que se refugiam os leprosos, nas tribus infiéis do deserto ou da floresta virgem. Silencioso, mas inteiramente ocupado com Deus, o Irmãozinho de Jesus, discípulo do P. Foucauld, viverá entre os pobres, partilhará a sua sorte e as vicissitudes das suas precárias condições de vida, numa vida de amor, unido como a Seu modelo e irmão bem-amado, a Jesus, Filho de Deus e trabalhador entre os homens.

Nazaré é também um Evangelho vivido. Não satisfeito com ensinar-nos o caminho, Cristo viveu-o, para nos mostrar, nos dar o exemplo. «Dei-vos o Exemplo, para que façais como eu fiz». Porque há um texto fundamental do Cristianismo: O Evangelho. Toda a ideologia forte tem o seu texto, o seu diploma fundamental e quando ele é esquecido, arrefece o entusiasmo, perde-se o sentido da missão e da vida de cada qual. Em Israel, havia a Bíblia, a palavra dos profetas; e esta Bíblia, lida frequentemente, conservou o povo de Deus durante dezenas de séculos até o advento do Cristianismo. No Islão, há o Corão (supõem-no inspirado por Deus), cada família o possui e lêem-no muitas vezes com todo o respeito. Todos sabemos como os militantes comunistas se alimentam de «O capital» de Karl Marx e do manifesto de Lenine. E nós, cristãos, que fizemos nós do Evangelho? Uma das razões por que os protestantes nos desprezam é a de as famílias católicas não terem nem lerem o Evangelho. No entanto? No entanto, estamos ameaçados por todos os lados por ideologias anti-cristãs. E pelas armas que as vamos deter? Uma ideologia não se combate com armas. Combate-se com uma ideologia mais forte que o comunismo. E a doutrina do Evangelho: é o Evangelho. E que nos diz ele? Oh, é actualíssimo: dá-nos a conhecer Deus e diz-nos que este Deus é um Deus de amor, que está em nós e mediante que sinal se reconhece, quem é de Deus: «Aquele que ama os homens, todos os homens, como a seus irmãos, esse é de Deus». Diz-nos mais: «Bem-aventurados os de coração puro, os que lutam pela justiça». Haverá ideologia mais alta, mais sublime e ao mesmo tempo mais humana? O homem não é, como pretende o comunista, uma peça duma comunidade material à qual se deve sacrificar em pura perda e sem nenhuma esperança. E Filho de Deus e elemento duma comunidade, que ele se deve esforçar por aperfeiçoar em vista de Deus. Perdendo-se nesta comunidade, ele encontra em si mesmo e acima de si o que há de mais sublime, Deus em pessoa.

Doutrina que o P. Foucauld ilustrou com a sua vida: por ter querido perder-se e ser toda a vida o servidor dos pobres, por ter passado 19 anos na solidão, apenas acompanhado de alguns nómadas muçulmanos a quem amava de todo o coração, por ter aceitado morrer abandonado e sem êxito, tem hoje um sucesso e uma influência crescentes e o exemplo da sua vida reconduz a Cristo muitos que se tinham perdido. Como Cristo, que humilhado até à morte e morte de Cruz — na palavra de S. Paulo

— foi glorificado e recebeu um nome acima de todo o nome, para que ao nome de Jesus todo o joelho se dobre, no céu, na terra e no inferno.

Conheci, numa cidade do Perú, um grupo de jovens que começava a reflectir sobre o sentido da sua própria vida. Para onde iriam? O comunismo não os satisfizera. Do catolicismo, conheciam o que viam, práticas muito bem ordenadas, mas que não atingiam o íntimo do ser. Mas mais que o comunismo, o Evangelho conquistara-os de verdade; para o viverem haviam-se filiado numa seita moderna, a dos evangelistas. Cheguei nessa altura e encontrei trabalho de electricista na própria firma onde estavam os militantes mais activos e conquistadores. Falava de vez em quando com eles, e por fim um dia recebi uma carta: «Nós éramos evangelistas por amor do Evangelho. Por amor do Evangelho abandonámos o catolicismo, mas acabámos por descobrir que V. vive o Evangelho mais intensamente que os da nossa seita. Diga-nos que havemos de fazer». Na verdade, a simples prática do Evangelho é uma pregação, se for generosa. E mesmo, ia eu a dizer, um meio necessário de apostolado; porque o apostolado é uma doação da verdade e não pode dar testemunho de Cristo quem o não tem como modelo, quem não é como Ele, amigo da pobreza, da justiça, da obediência. O P. Foucauld tinha costume de chamar a isto «Proclamar o Evangelho com toda a sua vida». E os seus discípulos querem também proclamar o Evangelho por meio da sua vida. Um Evangelho de pobreza, coragem, amor, fé, esperança; um Evangelho que é preciso dar a todos e em todos os climas e latitudes, porque é para todos.

Nazaré é também amor dos pobres, vida no meio dos pobres. Dizia-vos há pouco como era típico do cristianismo o amor dos pobres. Não é exigido a todos que vivam no meio dos pobres, mas a todos se pede que amem os pobres.

Um dia, um dos nossos irmãos, que adoecera há pouco, ia de combóio. Entra no compartimento uma senhora muito «bem». O irmão começa, dali a pouco a recitar o seu breviário, e só então a senhora descobre que ele era padre.

Evidentemente, o irmão ficou contentíssimo por ser tratado como um pobre, mas a senhora não tinha descoberto o amor dos que sofrem. Felicíssimo por ser tratado como pobre, porque os amava. Contentíssimo também porque a vocação do cristão é uma vocação de comunidade, e aquele que melhor está preparado a representar perante Deus os homens seus irmãos, é o que conheceu suficientemente e na sua própria carne, o sofrimento e a miséria duma humanidade que clama, duma humanidade que tem necessidade da salvação, aquele que tiver verificado como é incapaz de substituir a guerra pela paz, o ódio pelo amor, o desespero pela esperança. Ele sobe então espontâneamente até Cristo e a dor da sua alma transforma-se numa oração suplicante que atrai a graça divina. Porque a todos se exige que amem os pobres e se pede a alguns que vivam no meio deles e que sobre si tomem a sua parte quotidiana de miséria e de sofrimento. É assim que se opera a redenção. O P. Foucauld sentia este apelo — apelo a amar todos os homens, de todas as raças, de todas as terras, fazendo-se como eles — apelo a dar, especialmente aos que sofrem, o testemunho do amor de Jesus.

Existe em Autrech, ao norte de Paris, uma comunidade de Irmãozinhos que se dedicam aos leprosos. A lepra é uma doença dolorosa, tanto mais dolorosa quanto afasta da sociedade. O leproso sente-se, antes de mais, um ser rejeitado, evitado, e sofre com isso. Mas é ou não um homem, com sensibilidade, com coração? Como todos

os homens, tem direito à sua casa, aos seus amigos, tem direito a ser amado. Irmãzinhas e Irmãozinhos aplicaram-se a esta missão: estabelecer uma vida de família para um grupo de doentes e, vivendo com eles, amá-los de todo o coração.

Tinhamos acabado de chegar a Santiago do Chile e de construir a nossa barraca num bairro operário — 14.000 pessoas viviam também em «casas» dessas por elas construidas. Havia um problema, o da electricidade. Acabados de chegar, apresenta-se uma comissão. «Querem ajudar-nos a instalar a electricidade?» — «Com todo o gosto». — «Mas de que modo?» — «É simplicíssimo. Somos como vós, trabalharemos convosco». Foi um irmão trabalhar com eles e após alguns dias de trabalho, um dos operários do bairro foi dizer ao prior da freguesia: «Padre, agora já sabemos quem é Cristo, porque o vimos».

Vivendo no meio dos pobres, o Irmãozinho não terá a tentação de os proteger. Não pensará senão em ser amigo deles. E sabe-se bem quanto a amizade é uma força para os homens.

* *
*

Recordo-me de ter perguntado, um dia, a um jovem que queria ser nosso: «Porque queres tu ser um dos nossos?» E ele respondeu, com o forte sotaque marselhês que tinha: «Tenho sede de Deus». E realmente tinha sede de Deus, desta sede que a nossa época talvez tenha excessivamente perdido, a troco duma busca do sucesso humano, duma organização perfeita ou de domínio.

Sede de um Deus pessoal, unido à alma, que só se pode levar para o mundo depois de nos termos deixado invadir por ele, no silêncio e na oração.

* *
*

Há actualmente muitos problemas deste género. O coração dos homens foi feito para a amizade e é através da amizade dos homens que primeiro se descobre o amor de Deus. Quantos homens sofrem por serem tratados rudemente, ou desprezados: os doentes, as pessoas de cor — sobretudo os negros na África do Sul e na América do Norte — os párias na India, os indianos do Perú. E, bem mais perto de nós, os operários da construção civil ou as criadas das nossas próprias casas. E, no entanto, são nossos irmãos. Se não encontram no amor dos homens a afeição verdadeira e o meio de chegar ao amor de Deus, entregar-se-ão aos amores baixos e indignos.

Tantos problemas, que atormentavam o coração do P. Foucauld, e que nós, que queremos ser seus discípulos, não podemos olhar com indiferença.

Que faremos perante eles? Tentaremos dar-lhes o amor dos nossos corações humanos, e se o nosso coração estiver verdadeiramente cheio de Deus, esse mesmo amor de Deus.

* *
*

A formação faz-se pela forma seguinte:

Algum tempo de preparação, mais ou menos longo, de harmonia com a maturidade do candidato.

Período de noviciado no deserto — 18 meses:

— 6 meses de estudo de espiritualidade;
— 6 meses de oração, em isolamento;
— 6 meses de formação da obediência religiosa e organização da vida;

Dois ou três anos de trabalho, no meio de ocupações que cada um terá mais tarde, a fim de estabelecer e fortificar sòlidamente os frutos do noviciado.

Por fim, os anos de estudos filosóficos e teológicos, num Colégio Dominicano perto de Marselha.

É só depois deste tempo de demorada formação, coroada para alguns pela ordenação sacerdotal que vem a partida definitiva, para um meio operário da Europa ou doutra parte, ou para outras ambiências culturais, na África, América ou Ásia.

* *
*

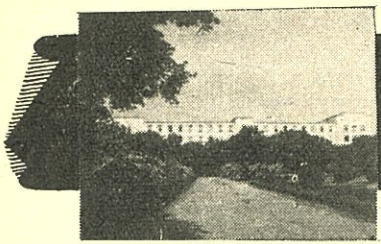
Agora, alguns dados estatísticos, sobre o estado actual da Fraternidade.

O P. Foucauld morreu sòzinho e sem discípulos, no dia 1.º de Dezembro de 1916. Seria preciso esperar 17 anos para que a sua mensagem fosse acolhida. Foi de facto em 1933 que o P. Voillaume fundou e organizou a Congregação dos Irmãozinhos e a Irmã Madalena, em 1938, a das Irmãzinhas tanto uma como a outra no deserto do Sahará. Passado algum tempo de maturação, retardado também por causa da guerra, é em 1945 que as duas Congregações se desenvolvem. Actualmente, 200 irmãos repartem-se, em cerca de 40 fraternidades, pela África, Europa, América e Ásia. As irmãs, mais de 400, com 200 fraternidades, entraram já em todos os países fora da cortina de ferro e até nações, que sempre foram rebeldes a toda a penetração cristã, tal como o Afganistão, lhes abriram as portas.

Os estatutos não estão ainda completamente estabelecidos, nem as constituições foram ainda aprovadas por Roma e no entanto estamos já em mais de cem dioceses, sendo duma centena aproximadamente, o número anual de vocações.

Numa sessão de estudos, realizada em Castelgandolfo no passado mês de Outubro, reuniram-se, junto do Soberano Pontífice, 262 irmãs, de 27 nacionalidades. Quanto aos irmãos, a sua universalidade aumenta também, incluindo, a par dos europeus, africanos, asiáticos e americanos.

Em Portugal ainda não há irmãos, mas as irmãs têm aqui 3 casas: um noviciado em Fátima, uma na Marinha Grande, onde uma das irmãs trabalha numa fábrica de vidros, na empalhação de garrafas e uma terceira em Lisboa, num dos bairros mais pobres, a Quinta Nova da Curraleira.



CRÓNICA

Estes velhos muros e portais nobres bem foram do nosso Seminário (cujo coração é sempre novo e até o edifício tão do século XX) a imagem da Igreja rejuvenescida em cada século. Principalmente neste começo de ano, quando novas energias foram ganhas, a vida toma um ritmo descansado e alegre. Mas, à maneira de raizes fecundantes, também nós temos de ir às terras fundas, à memória da vida que passou, a procurar a força que dê pujança à viçosidade.

FESTA DOS FINALISTAS

Ainda que em aparências contrárias, a saudade e a esperança andam tão ligadas como elos de forte cadeia. Elas formam a vida que se articula nos instantes do presente, segurada no passado e avançando para o futuro.

Pois, também, cada finalista de 1956 deixou um vasio que, se nos doi na saudade, ao mesmo tempo nos arrasta a enchê-lo.

Partiram a serem aquilo que todos seremos E quem não verá neles o sinal da esperança, prometendo-nos um sacerdócio idêntico?

* * *

Logo de manhã, nos autocarros que nos levariam a Lisboa, os finalistas ensaiavam as batinas «negras» (sem os vivos encarnados) sob a digna vastidão das «capas negras».

Depois, na Sé, foi o momento grande da família cristã. Ali estava o Pai, comunicando da paternidade espiritual do seu sacerdócio aos filhos amadurecidos — anciãos ou presbíteros — no estudo e na oração. E ali, também, os pais que, do sangue e da carne próprias, deram a Sua Eminência homens perfeitos. Era, afinal, o mistério da doação e do amor — o mistério da paternidade — que nos unia no mesmo espírito e na mesma fé.

Nessa tarde, o refeitório ouviu palavras onde sentimos como eram presentes as verdades eternas que o Rev.º P.e Adriano nos fez viver. O mais novo dos que ficavam o Pita Soares — respondeu aos mais velhos, em nome de todos nós.

No ginásio, a sessão promovida pelos terceiranistas teve, este ano, a sua originalidade. Versando o tema: «Nossa Senhora e o Sacerdócio» o Rev.º P.e Barreiros

Tavares dirigiu-se por longo tempo quer aos seminaristas quer às suas famílias, numa clareza de doutrina acessível e profunda. Armando Guerreiro constituiu um brilhante número com a sua rara voz, acompanhada a piano pelo Rev.º P. Coccioli, conhecido artista argentino. O declamador Manuel Lereno disse versos de poetas portugueses com a elegância e sobriedade de um verdadeiro artista.

No início, o Rev.º Alberto Neto do 3.º ano dissera como partiam para a Messe os nossos Padres — como «semeadores da esperança» a quem o mundo exigiu uma presença cheia de actualidade e de verdade. Logo P. José Mendes nos confiou as notícias da saudade que levavam e da esperança que prometiam.

Nem faltou a Polifonia do nosso Seminário e, ao fim, representou-se um auto do Sr. P. Viçoso: «A última Ceia».

E agora... nós!

Dos que voltaram neste 27 de Setembro cada cara nos lembra mil e uma coisas...

Diz-nos velha tradição que os de Lisboa não vieram ainda. Desde manhã pode aí estar, por exemplo, o Artur Lemos com umas promessas de Vice-Presidente da Academia de Santo António (Secção dos Filósofos). Desceu desde o remoto Minho; e das Beiras terá vindo o Rev.º Alberto Neto o novo Presidente (Secção dos Teólogos) que, em sonhos para o futuro se mostrou já bastante fecundo.

O Rev.º Joaquim Lopes é ainda o chefe do Clar de escuteiros, a trabalhar neste Seminário. Talvez, ao vê-lo lembrasse a alguém o dia 5 de Junho do ano findo em que os caminheiros fizeram suas promessas. A esse, com certeza, viriam à memória as palavras do Sr. P. Honorato quando, nessa manhã, nos ensinou a ver à luz do sacerdócio o ideal escuta: «servir» a Jesus Cristo no Apostolado, com disponibilidade activa e empreendedora. O Seminário dá «espírito e ciência»; o escutismo pode ajudar também a fazer o homem completo.

* *
*

A vida do Seminário recomeça e afirma-se já nessas pequenas coisas que lhe quebram os esquemas, que lhe abrem os horizontes da franqueza e da simplicidade.

Os campeonatos de futebol ou de ping-pong, as novidades a dar, o conferencista «que veio ontem»... tudo, ainda que não pareça há-de contribuir este ano para nos aproximar mais de Deus.

Que o Senhor nada tenha a destruir para edificar em Si o Seu sacerdócio.

* *
*

Chamou o Senhor para o Seu seio o Rev.º P.e Pascal, do Sagrados Corações, que durante 8 anos foi Vice-Reitor do nosso Seminário.

Da obra de Sua Rev.ª entre nós falará a nossa Revista no próximo número. Os ofícios de defuntos por sua alma, serão cantados no dia 25 à noite. Haverá missa solene no dia seguinte.

NORONHA GALVÃO

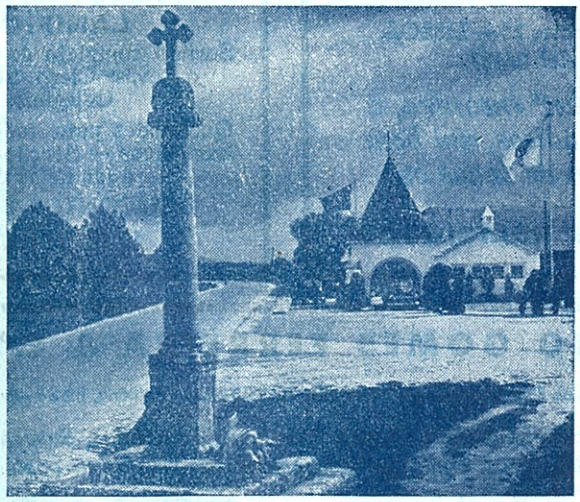
AO SERVIÇO DO AUTOMOBILISTA

SACOR

A utilidade de um Posto de Abastecimentos não exclui o seu enquadramento nas belas e suaves paisagens da nossa terra

Assim pensa

A SACOR



POSTO DE ALJUBARROTA

SOCIEDADE DE TAPEÇARIAS, LIMITADA

ESTOFADORES E DECORADORES

Rua Augusta, 126-130—Telef. 26669

Casa especializada em estofos e decorações, com oficinas próprias e estoques próprios, os mais completos e variados e aos melhores preços do mercado

Sedas, damascos e brocados próprios para decorações de igrejas

As mais modernas criações dos industriais nacionais e estrangeiros

Agradece desde já a Vossa muito estimada visita



É NA **Casa Avé Maria**

Rua da Prata, 75 — LISBOA
Telef. 26127

que V. Ex.ª encontra, a preços módicos, um bom sortido de todos os

ARTIGOS RELIGIOSOS

C. SANTOS

LANIFÍCIOS

Sortido completo de lanifícios para o Rev.mo Clero. Seminaristas, Colegiais, etc.

Qualidades para todos os preços. Exclusivos — Secção de cachecois e lanifícios de côr

DESCONTOS E PRAZOS

COVILHÃ

JÚLIO GOMES FERREIRA & C.A, L.DA

A casa mais antiga do País no seu género-**Fundada em 1832**-Rua da Vitória, 82-88—Rua do Ouro, 166 170

Lustres, Lanternas, Placas, Castiçais, Lâmpadas, Suspensões, Banheiras, Caldeiras, Esquentadores, Fogões de cozinha

Instalações sanitárias, Casas de banho, Pára-raios, Aquecimento central, Ascensores, Ventilação, Eléctricas, Contra incêndios, Telefone, Todos os trabalhos em latão e ferro forjado



ÓRGÃOS
PARA
MÚSICA
SACRA

WURLITZER ORGAN

O órgão aprovado pelo

Vaticano

Demonstrações:

CASA RUVINA

Rua Formosa, 173 — PORTO

Cem anos!

VELAS DE CARDIGOS

J. d'Oliveira Tavares, Filhos

Telef. 5 B. Baixa - CARDIGOS

Primeiros fabricantes das velas de Cardigos cujas fábricas foram fundadas em 1850!

Casa antiquíssima preferida pelo Ex.mo clero do continente, ilhas e Províncias Ultramarinas

Premiada em 7 exposições
4 estrangeiras e 3 nacionais

Sociedade Industrial Metalúrgica

S. A. R. L.

SERRALHARIAS

Rua de S. Tiago, 13 — LISBOA

MISSAL ROMANO

Em virtude de pedidos insistentes de pessoas amigas, resolveu a Casa Nun'Alvares criar um novo tipo de encadernação em percalina, **de maior valor que aquela que temos apresentado.**

O preço do Missal com esta encadernação será de 40$00. Manteremos porém o preço de 37$50 com a encadernação habitual.

PEQUENO MISSAL

Do mesmo modo, passa a haver um novo tipo de encadernação em percalina ao preço de 20$00, mantendo-se porém o tipo de encadernação de 18$00.

Mantêm-se os outros tipos de encadernação em pele e em chagrim, aos mesmos preços.

Depositária:

CASA NUN'ALVARES

GOUVEIA — Portugal

OURIVESARIA
ALIANÇA

Verdadeiro atelier de arte,
conhecido no País
e estrangeiro

As mais especializadas oficinas
para a esmerada confecção
de todos os objectos
do culto católico

Rua das Flores, 191-211—Porto
Rua Garrett (Chiado,) 50-Lisboa

Lanifícios pretos,
meias de algodão
lã e nylon

Tecidos pretos R.M.
PR. DOS RESTAURADORES, 13 - LISBOA

Concedem-se facilidades
de pagamento
sem aumento de preço

Antiga Fábricas de Velas
DE
Alfredo Cadete Pereira
Alcanena—Monsanto

Velas de cera Litúrgicas
e de promessa

PREÇOS ESPECIAIS PARA OS REV DOS
PADRES E IRMANDADES

COLECÇÃO

"SENTIR COM A IGREJA"

1. A SAGRADA VIRGINDADE — Encíclica de Pio XII. Prefácio do Ex.mo Senhor Cónego António de Figueiredo Sarmento. Tradução, títulos e numeração do Padre José da Felicidade Alves 2.ª edição, 70 páginas, 3$50.

2. A CONCEIÇÃO IMACULADA DA VIRGEM MARIA MÃE DE DEUS. (Bula de Pio IX, Encíclicas de Pio X e Pio XII). Tradução, numeração e títulos, introdução teológica geral e especial a cada um dos documentos pelo Padre José da Felicidade Alves, Prof. de Teologia e Patologia do Seminário dos Olivais. Volume de 114 páginas, 5$00.

3. O ENSINO DA DOUTRINA CRISTÃ. Prefácio de Sua Ex.cia Rev.ma o Senhor Núncio Apostólico. Contém este volume: a Enc. «Acerbo nimis» de Pio X (15-4-1905); Decreto «Provido sane consilio» 12-1-1935); alguns textos do Concílio de Trento e cânones do Código de Direito Canónico. Os documentos estão traduzidos em português, dotados de títulos e comentários. 80 pág. 4$00.

Para Seminários, Congregações Religiosas, Paróquias, Colégios, Núcleos da Acção Católica e outras Associações católicas, faz-se desconto de 20 % em encomendas de 50 ou mais exemplares.

Pedidos a:

Centro Paroquial da Igreja de S. Paulo de Lisboa

Não é só pela palavra que é anunciado o Evangelho, mas mais ainda pela vida.

E vivendo do seu espírito que a Igreja apresenta Cristo e difunde como um perfume o Nome de Jesus.

Os cristãos de que nos falam os «Actos» não eram, no conjunto, apóstolos, nos diversos sentidos exactos da palavra. Contudo, na medida em que verdadeiramente eram da Igreja, formando «um só coração e uma só alma», ajudaram a expandir o incêndio do novo Fogo. Desde então, este «amor fraternal» ficou sendo sempre o mais belo testemunho e o atractivo mais poderoso. «A Igreja, dirá Santo Inácio de Antioquia, é um coro; o bispo preside aos seus cânticos que, semelhantes aos corais dos céus, não se calam dia e noite». Indubitàvelmente, trata-se duma alusão às assembleias litúrgicas; mas, no espírito do grande bispo, essas mesmas são o símbolo dum outro concerto simultâneamente mais íntimo e mais vasto, «o coro da caridade unânime, cujo cântico é Jesus Cristo».

HENRI DE LUBAC

REVISTA DOS ALUNOS DO SEMINÁRIO DE CRISTO-REI «OLIVAIS»